



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS  
LICENCIATURA EM LETRAS CLÁSSICAS (GREGO E LATIM)

CLÁUDIA VALÉRIA FORTES DE OLIVEIRA DOS SANTOS

**PROVER-SE PARA A MORTE:  
REFLEXÕES SENEQUIANAS EM *AD LUCILIUM EPISTULAE MORALES***

João Pessoa

2021

**PROVER-SE PARA A MORTE:**  
**REFLEXÕES SENEQUIANAS EM *AD LUCILIUM EPISTULAE MORALES***

Monografia apresentada à coordenação do Curso de Letras Clássicas, da Universidade Federal da Paraíba, como pré-requisito para obtenção do título de graduada em Letras Clássicas, com habilitação em Grego e Latim, sob orientação do Prof. Dr. Willy Paredes Soares.

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

S237p Santos, Claudia Valeria Fortes de Oliveira dos.  
Prover-se para a morte: "reflexões senequianas em Ad  
Lucilium Epistulae Morales" / Claudia Valeria Fortes de  
Oliveira dos Santos. - João Pessoa, 2021.  
62 f.

Orientação: Willy Paredes Soares.  
Coorientação: Felipe dos Santos Almeida, Erick  
France Meira de Souza.

TCC (Graduação) - Universidade Federal da  
Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,  
2021.

1. Sêneca. 2. Estoicismo. 3. Cartas a Lucílio. 4.  
Morte. I. Soares, Willy Paredes. II. Almeida, Felipe  
dos Santos. III. Souza, Erick France Meira de. IV.  
Título.

UFPB/CCHLA

CDU 128

**PROVER-SE PARA A MORTE:**  
**REFLEXÕES SENEQUIANAS EM *AD LUCILIUM EPISTULAE MORALES***

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO  
apresentado ao Curso de Letras Clássicas da  
Universidade Federal da Paraíba, como pré-  
requisito para obtenção do grau de Licenciada  
em Letras Clássicas, com habilitação em Grego  
e Latim.

Data de aprovação: \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Willy Paredes Soares (DLCV/CCHLA/UFPB – Orientador)

---

Prof. Dr. Felipe dos Santos Almeida (DLCV/CCHLA/UFPB – Examinador)

---

Prof. Dr. Erick France Meira de Souza (DLCV/CCHLA/UFPB – Examinador)

A glória não está na morte em si, a glória está em morrer valorosamente (...) não são boas nem más coisas como a doença, a dor, a pobreza, o exílio, a morte (...) ninguém louva a morte em si, mas sim o homem que a morte lhe arrebatou sem previamente lhe perturbar o ânimo.”  
(*Ep.LXXXII*, 11)

## AGRADECIMENTOS

Nesta caminhada trilhada, cujos passos estão nestas páginas cunhados, afirmo que, indiscutivelmente, não chegaria ao fim da mesma sem ajuda daqueles cujos nomes aqui registro.

Meus agradecimentos se dirigem primeiramente a Deus, que me levou e sempre me leva para mais longe, dando-me força e coragem para seguir adiante. A honra e a glória pertencem a Ele!

Agradeço imensamente ao Prof. Dr. Willy Paredes Soares, meu professor em algumas disciplinas na graduação e meu orientador no Trabalho de Conclusão de Curso, por quem nutro grande admiração e respeito; pessoa sempre disposta a tirar minhas dúvidas, extremamente colaborativo e presente. Certamente, sua participação foi de fundamental importância para que este trabalho alcançasse seu termo. Minha admiração pelo senhor é um alimento para meu desenvolvimento ainda no estágio de uma iniciante.

Agradeço aos professores Dr. Erick France Meira de Souza e Dr. Felipe dos Santos Almeida, por terem contribuído de maneira imprescindível para minha formação e por fazerem parte da Banca de Defesa deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Agradeço aos professores Diógenes Marques, Hermes Orígenes, Alcione Albertim, Milton Marques, Lucas Dezotti, Juvino Alves e Marco Colonnelli, que tanto me ensinaram ao longo desses árduos anos da Licenciatura em Letras Clássicas.

Gostaria também de agradecer a todos os amigos e familiares, que me apoiaram e torceram por mim, desde sempre e para sempre. Assim sendo, agradeço:

Ao meu esposo Marcelo Santos. São quase trinta e cinco anos de relacionamento, marcados pelo amor, amizade e companheirismo. Em nossa jornada, todo seu apoio foi fundamental para meu crescimento pessoal e universitário. Obrigada, amor, por todo carinho e toda ajuda incondicional em todas as esferas da vida. Amo você!

Aos meus filhos Marcelo Júnior, Matheus e Lucas pelos quais me debrucei a procurar uma educação e um mundo melhor. Obrigada por me incentivarem a retornar à vida acadêmica. Amo vocês demais, meus eternos bebês!

Aos meus pais, Hélio e Enilde, por me possibilitarem a vida e a me ensinarem a acreditar em sonhos e em Deus. Serei eternamente grata! Amo vocês!

Aos meus irmãos, cunhadas e sobrinhos. Minha vida não seria tão feliz se eu não tivesse vocês!

Aos meus “filhinhos de pelos”, Luna e Fred, pela companhia constante nas madrugadas em que perdi o sono no anseio de concluir este trabalho. Mamãe ama!

À minha amiga e “filhinha emprestada” Jackelyne Santiago pelo olhar calmo e amoroso, por receber tantas mensagens, por me auxiliar nas traduções de grego, por aconselhar-me, pela dedicação e por me entender como sou. Obrigada, lindona!

Ao meu amigo Hamilton Medeiros por ter me auxiliado na formatação dos trabalhos. Obrigada pela amizade, pelo carinho, e por todo apoio, exemplo e incentivo.

Finalmente, deixo aqui registrados os meus sentimentos de gratidão a todos aqueles que, de uma forma ou de outra, contribuíram para meu desenvolvimento e crescimento, me incentivaram e me apoiaram, e por meio dos quais me encontro onde estou. Que Deus abençoe vocês!

## RESUMO

Neste trabalho apresentaremos algumas reflexões encontradas em *Ad Lucilium Epistulae Morales*, de Lúcio Aneu Sêneca, escritor, político e pensador estoico do século I da Era Cristã. O objetivo deste trabalho é investigar, a partir de sua obra supracitada, a compreensão de Sêneca a respeito da vida e da sua finitude, seja ela natural ou por suicídio, como parte integrante do conteúdo para a formação do homem. Embora seu trabalho seja extenso, limitaremos-nos às Cartas em que a concepção de morte seja mais amplamente fundamentada. No decorrer do estudo dessas Cartas, observa-se que Sêneca entende que a morte é um dos deveres da existência, cabendo ao homem ideal, ou seja, ao sábio, aceitar essa condição e, conseqüentemente, o medo que ela provoca. Portanto, cabe ao homem afastar-se do medo e da angústia diante da morte. Em um primeiro momento são apresentados os fundamentos do pensamento estoico romano no qual Sêneca está inserido. Para isso, é necessário compreender o contexto histórico em que Sêneca desenvolveu suas reflexões. Esse contexto foi significativamente marcado pelo estoicismo e pela influência do período helenístico. Para o desdobramento da pesquisa, traduziremos as Cartas XXX, LIV, LVIII, LXIII, LXX, LXXVIII e XCIII de *Ad Lucilium Epistulae Morales*, debruçando-se sobre os trechos pertinentes à análise. Não é indispensável para quem pretende compreender o sentido da definição da vida feliz sem passar por um desvelamento da consciência da existência que se mostra a partir do conhecimento da morte – este é o assunto fundamental deste trabalho, afinal, para Sêneca, não há escapatória, pois alcançar o conhecimento da vida é entender-se mortal.

**Palavras-chave:** Sêneca; Estoicismo; Cartas a Lucílio; Suicídio; Morte.

## ABSTRACT

In this study we will present some reflections of the *Ad Lucilium Epistulae Morales* of Lucio Aneu Seneca, writer, politician and Stoic thinker of the 1st century of the Christian Era. The aim of this work is to investigate, based on his study mentioned above, the understanding of Seneca regarding life and its finitude, whether natural or caused by suicide, as an integral part of the content for the formation of man. Although his study is extensive, this work will be limited to letters in which the conception of death is more widely reasoned. During the study of these letters, it is observed that Seneca understands that death is one of the duties of existence, and it is up to the ideal man, that is, to the sage, to accept this condition and, consequently, to break out of the fear it provokes. Therefore, it is up to man to move away from fear and anguish in the face of death. At first, the foundations of the Roman stoic thought in which Seneca is inserted are presented. For this, it is necessary to understand the historical context in which Seneca developed his reflections. This context was significantly marked by Hellenism and Stoicism. For the unfolding of the research, we will translate the letters XXX, LIV, LVIII, LXIII, LXX, LXXVIII e XCIII from *Ad Lucilium Epistulae Morales*, poring over the excerpts that are pertinent to the analysis. It is not essential for anyone who wants to understand the meaning of the definition of happy life without going through an unveiling of the awareness of existence that is shown from the knowledge of death - this is the fundamental subject of this work, after all, for Seneca, there is no escape, for to reach the knowledge of life is to understand oneself as mortal.

**Keywords:** Seneca; Stoicism; Letters to Lucilius; Suicide; Death.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO I: CONHECENDO O ESTOICISMO.....</b>	<b>14</b>
1.1 Como nasceu o Estoicismo .....	14
1.2 O Estoicismo .....	15
1.3 A ética estoica.....	17
1.4 O sábio: o homem ideal segundo o Estoicismo.....	19
<b>CAPÍTULO II: CONHECENDO SÊNECA .....</b>	<b>22</b>
2.1 Quem foi Lúcio Aneu Sêneca?.....	22
2.2 O legado de Sêneca.....	24
2.2.1 <i>Ad Lucilium Epistulae Morales</i> .....	25
<b>CAPÍTULO III: PROVER-SE PARA A MORTE.....</b>	<b>31</b>
3.1 A arte de saber viver e saber morrer.....	31
3.2 O suicídio (Cartas LVIII e LXX) .....	33
3.3 O tempo e a morte (Cartas LIV e XCIII) .....	41
3.4 A doença e o medo da morte (Cartas XXX e LXXVIII) .....	43
3.5 A dor pela morte de entes queridos (Carta LXIII) .....	47
3.6 A morte de Sêneca.....	49
<b>Considerações finais .....</b>	<b>58</b>
<b>Referências .....</b>	<b>60</b>

## INTRODUÇÃO

O ser humano, compelido pelo tempo e por meticulosas ocupações cotidianas, deixou de se questionar quanto às mais complexas indagações da existência do homem, dentre elas, a morte. Absorto pelas obrigações de perspectiva cada vez mais diminuta, o indivíduo deixou de se dedicar à capacidade de meditar e de refletir sobre os grandes questionamentos, que não se findam facilmente nem com leituras efêmeras, nem com respostas superficiais. “O homem perdeu sua capacidade de refletir as ideias” (2009, p.09), afirma Nietzsche.

“A sociedade atual baniu a morte para resguardar a vida. O grande valor do século é o de dar a impressão de que a morte não deve ser percebida, mas esquecida e ignorada, devendo ser afastada dos pensamentos. Assim, a morte não é mais considerada um fenômeno natural, e sim fracasso, impotência ou imperícia e, portanto, deve ser ocultada” (KOVÁSC, 1992, p.39). Hoje, com todos os avanços tecnológicos, é difícil para o homem admitir que não é imortal e que a sua existência terminará e que não poderá fugir desse encargo. Esse cenário faz com que os indivíduos ignorem a ideia de continuidade, pois é ela que amplia as perspectivas humanas e serve de premissa para o entendimento da vida e da sua finitude. Viver é estar presente nessa sucessão de acontecimentos que culminam na morte. Todavia, está-se muito ocupado com a falsa produtividade e com a fútil agitação, como diria Sêneca ao tratar dos atos que nos trazem apenas desassossego (CAMPOS, 1991, p.32). O pensador estoico aponta para o fato de que as pessoas estão sempre ocupadas demais para refletirem sobre a morte e entenderem que ela guia, declarada e silenciosamente, as escolhas da vida, pois aquele que sabe morrer, aprendeu a viver, e assim a vida e a morte são indissociáveis e conferem significado uma à outra. A morte em si não mudou, pois é destinada a todos os seres vivos. O que muda é a forma de encará-la.

Como será visto no decorrer deste trabalho, o homem está intensamente ligado à morte de várias formas. A própria origem da palavra ratifica isto. Do latim, o termo *mortalis*, *mortale* significa “Mortal, sujeito à morte. Transitório, passageiro, efêmero. Relativo aos mortais, humano” (FARIA, 2003, p. 622). Ressalta-se que a palavra “mortal” se refere à característica mais humana. Já o termo *mortalitas*, *mortalitatis*, (f.) significa mortalidade, humanidade, a condição mortal de todos os seres. Embora seja um assunto inesgotável e comum a todos, a morte é tratada como um tabu. Mas, qual a razão? Qual o

porquê de ter sido preterida ao plano de retrógrada ou de obsoleta, uma vez que ela continua ocorrendo? Será que advém da inquietação que o indivíduo sente ante ao que desconhece? Será pela angústia da separação de seus entes queridos? Ou consiste no fato de que ficarão inacabados muitos capítulos de sua vida?

É com o entendimento de como Sêneca encara a realidade da morte que este trabalho se desenvolve. Para isso, faz-se necessário analisar o conceito de morte na concepção didática do pensador, enquanto parte integrante do conteúdo indispensável à formação do homem ideal, isto é, do sábio.

Para conhecer os motivos que seriam contribuições para a construção de suas ideias dar-se-á ênfase ao contexto histórico em que Sêneca viveu, século I d.C., período em que a sociedade romana passava por muitas transformações, oriundas da instabilidade política e social. Nesse momento histórico, Sêneca se posicionou como um defensor do cidadão romano. Todavia, seu primordial objetivo era o bem-estar do homem de seu tempo, procurando retirar-lhe a ansiedade e o medo que o aterrorizava.

Entre suas inquietações ressalta-se a de fazer entender e justificar a presença inexorável da morte na humanidade, provendo o homem de reflexões para esse encontro fatídico. Ainda hoje a leitura de Sêneca auxilia no entendimento da natureza humana e ajuda na determinação dos valores da existência.

Os escritos de Sêneca ainda hoje conservam profunda validade, porque perpassados de perenes valores humanísticos. Ele procurou responder à interrogação fundamental da existência humana. Como deve o homem agir e portar-se, em meio à angústia e à preocupação da vida, para assegurar [...] a felicidade e a paz (ULLMANN, 1996, p. 63).

Destaca-se, também, a questão da moral no pensamento senequiano, que é centralizado no elemento humano e se disponibiliza a serviço da ética, de tal modo que tudo que não se prestasse à ordenação moral da vida humana necessitava de valor. Observa-se que Sêneca encontra razões e argumentos para considerar e compreender a fraqueza, a insegurança e as mazelas da condição humana. Influenciado pelo Estoicismo, doutrina que constituiu metas objetivas para a vida, ele conduz o homem através da conduta ética e o do sentido da vida a desprender-se das circunstâncias de ordem social e política do seu tempo, buscando a virtude e a sabedoria.

Nas Cartas a Lucílio, seus ensinamentos se direcionavam, sobretudo, para a atenuação de uma dor *sui generis*: a dor da perda por morte. Para Sêneca, a morte, como fim da nossa existência, deveria servir de reflexão, mas não de temor, pois precisaria ser

encarada de forma tranquila, com maturidade e seriedade. Todavia, fez orientações gerais sobre as dores universais, à medida que portavam valores, sentimentos e emoções que diziam respeito à humanidade. Seus preceitos buscavam conscientizar o homem com uma orientação precisa de que ele era um ser passageiro e, por isso, deveria ter a preocupação em viver cada instante da vida de maneira plena. Para tanto, apresentou um pensamento de caráter terapêutico e pedagógico. É terapêutico por oferecer o remédio que cura o homem de alma doente; e é pedagógico por apresentar o caminho e ensinar esse mesmo homem a agir (CAMPOS, 1991, p. XXIX). Enquanto exercício do bem viver, Sêneca se ocupava com a reflexão sobre a morte porque compreendia que saber viver significava, também, morrer bem. Então, de acordo com seus pensamentos, seria possível ao homem libertar-se daquilo que o oprimia, de seus impulsos, seus vícios, suas paixões e alcançar a felicidade tão desejada.

Sendo assim, ao longo desse trabalho analisaremos alguns textos senequianos, a fim de encontrarmos neles os pressupostos de uma vida plena e feliz. Outras referências cooperaram para o estudo das indagações propostas, a saber: que sentido tem a morte para Sêneca? E sua relação com o viver bem? Como prover-se para a morte? É lícito o homem dar cabo de sua própria vida?

Para responder tais questionamentos, o presente trabalho foi elaborado a partir de um referencial teórico fundamentado em algumas das *Cartas Morais a Lucílio (Ad Lucilium Epistulae Morales)* que trazem reflexões sobre a morte enquanto conteúdo formativo, com recomendações práticas que orientam a vida. Para obter maiores informações sobre esse pensamento e seu escritor, assim como para melhor fundamentar e respaldar historicamente o que se pretendia, percorreu-se uma bibliografia de caráter tanto geral como específico, a fim de ampliar as reflexões a respeito do tema. Assim, a leitura de Sêneca também pode apontar caminhos para o homem da atualidade, que anseia ter tranquilidade e está sedento por aplacar as suas angústias e ter um direcionamento, em meio a tantas agitações da vida moderna.

Para iniciarmos este estudo, dividiremos a pesquisa da seguinte forma: no primeiro capítulo, apresentaremos o cenário em que o Estoicismo nasceu, sua definição e suas bases, dando ênfase ao Estoicismo ético pelo fato de Sêneca se interessar, prioritariamente, por esta âmbito de conhecimento ponderaremos sobre o homem do contexto estoico, ressaltando como ele se depara com questões que são motivos de reflexão, como as paixões, os vícios, o juízo, a relação do homem com os bens materiais, a aparência, a interioridade e, por fim, a morte.

Em seguida, no segundo capítulo, faremos a apresentação de quem foi Sêneca.

Além de suas obras, exibiremos o homem por trás de seu legado, que esteve no centro do poder no Império Romano, testemunhando os governos de Calígula<sup>1</sup>, Cláudio<sup>2</sup> e, de forma mais estreita, de Nero<sup>3</sup>, de quem foi preceptor<sup>4</sup>. Será apresentada uma visão geral de sua obra, pois Sêneca escreveu diálogos filosóficos, tragédias, consolações e, também, epístolas, que serão objetos da pesquisa, concentradas nas cartas endereçadas a seu discípulo Lucílio. Sêneca, em sua obra, procura instruir quanto à provisão diante da vida e também da morte.

No terceiro capítulo, analisaremos a morte, de acordo com o Estoicismo, encontradas nas trocas de cartas entre Sêneca e Lucílio. Foram selecionadas sete cartas, pois tratam mais especificamente do tema morte. Por conseguinte, passaremos à análise das cartas propriamente ditas. Para tanto, faremos uso de nossa tradução a partir do original latino, a fim de uma melhor análise dos trechos analisados das cartas supracitadas encontradas em *Ad Lucilium Epistulae Morales* (1955). Também serão tratados neste capítulo o suicídio e sua relação com a liberdade individual, fundamental no entendimento de Sêneca. Nosso trabalho de tradução procurou respeitar a sintaxe dos textos senequianos originais, sendo a fidelidade ao conteúdo nosso critério principal ao encetarmos a tradução das referidas Cartas.

---

<sup>1</sup> *Gaius Julius Caesar Augustus Germanicus.*

<sup>2</sup> *Tiberius Claudius Caesar Augustus Germanicus.*

<sup>3</sup> *Nero Claudius Caesar Augustus Germanicus.*

<sup>4</sup> A palavra preceptor vem do latim *praecipio*, “ensinar; instruir”. Era aplicada àqueles que davam preceitos ou instruções, educador, mentor, instrutor.

## CAPÍTULO I: CONHECENDO O ESTOICISMO

*Nosso Zenão usa esta argumentação: "Nenhum mal é considerado; mas a morte é considerada; portanto, a morte não é má<sup>5</sup>."*

(Sêneca)

### 1.1 Como nasceu o Estoicismo

O termo “estoico”<sup>6</sup> é muito utilizado em nosso cotidiano sem que, muitas vezes, saibamos a sua origem.

O período histórico que deu origem ao Estoicismo foi um dos mais significantes da Antiguidade greco-latina. Foi, precisamente, a passagem do período clássico para o helenístico. No período clássico houve um expressivo desenvolvimento econômico, cultural, social e político da Grécia Antiga. O período helenístico, consagrado com a tomada das cidades gregas pelos macedônios, estabeleceu o início de uma nova concepção, em que o sentimento de pertencimento e os limites físicos ficaram estremecidos.

Sob o comando de Alexandre, o Grande, a partir de sua célebre empreitada e conquista do Oriente (334-323 a.C.), o povo grego sofreu com a diáspora, fato frequentemente perceptível em muitas situações de dominação, tendo como consequência uma transformação para muito além de suas fronteiras geográficas. Acontece, então, uma separação entre o homem e o cidadão, entre o filósofo e o político, entre a interioridade e a exterioridade. Uma cultura que teve seu auge em um quadro político e social que se direcionava para a unidade, com a ruína da pólis<sup>7</sup>, passou a se encontrar em uma tendência desagregadora. Segundo Giovanni Reale, “Alexandre destruiu a pólis em todos os sentidos, retirando-lhe toda a liberdade formal e substancial, a fim de realizar o seu grandioso projeto de monarquia universal divina, que deveria reunir não só as cidades, mas países e raças diversas” (1994, p.5). As cidades não mais se reestruturaram.

A pólis era o único modelo da vida moral. Com a ruína das cidades, “o homem passou de cidadão a súdito” e se viu compelido a procurar novos conteúdos morais, e, “fechando-se

<sup>5</sup> *Ep.* LXXXII, 9

<sup>6</sup> Segundo o Dicionário de sinônimos da Língua Portuguesa: “estoico Sin. Austero, rígido, firme, inabalável, inquebrantável, impassível, resignado (NASCENTES, 2011, p. 211).

<sup>7</sup> A pólis (πόλις) era o modelo das antigas cidades gregas, desde o período arcaico até o período clássico. Essa comunidade organizada era formada pelos cidadãos (πολίτικοι), isto é, pelos homens nascidos no solo da Cidade, livres e iguais e também tinham seu próprio governo.

em si mesmo, o homem se tornou um indivíduo e estava livre diante de si próprio” (REALE, 1994, p.07).

Esse panorama de ruptura da pólis inibiu o homem livre de agir na vida pública e, a partir de então, ele se afastou da condição de animal político que atuava sobre os destinos da cidade e voltou-se para dentro de si, em um processo intimista. Deste modo, ocorreu a substituição da vida pública pela privada. O homem do período Helenístico passou então a descobrir-se na dimensão individual. Os problemas deixaram de ser discutidos coletivamente e passaram para a esfera do singular, o que levou o homem a preocupar-se consigo mesmo, a cuidar de si, ocasionando um processo intimista. A liberdade cívica passou a ser transformada, paulatinamente, em uma liberdade interior. A reflexão sobre a Natureza se retraiu, dando lugar à reflexão do homem interior, na busca de uma vida feliz, mesmo em circunstâncias adversas.

A nova forma de liberdade enveredou para um caminho que tinha como objetivo atender a vida interior do novo homem livre e independente, possibilitando reflexões críticas, iniciando, assim, o pensamento estoico. Surgiu, então, o Estoicismo como resposta moral às dúvidas dos cidadãos que se inquietavam com relação ao seu comportamento e à sua felicidade em um mundo conturbado, onde cada qual desejava ser feliz, mas não sabia como proceder.

## 1.2. O Estoicismo

Estoicismo deriva do grego *ἡ ποικίλη στοά*, que significa colunatas com pinturas<sup>8</sup>, local onde Zenão de Cício (335- 263 a.C), o fundador, reunia-se com seus seguidores na cidade de Atenas, para discutir suas ideias. Essa é a razão desses pensadores também serem chamados de pensadores do pórtico. Entretanto, a doutrina ficou de fato conhecida ao chegar em Roma. Antes, porém, o Estoicismo era conhecido como Zenozismo, por causa de Zenão. Provavelmente, os estoicos abandonaram esse nome para evitar um culto à personalidade. Destaca-se que o termo estoico é derivado do adjetivo *στοά*.

Esta doutrina defende que todo o universo é dirigido por uma lei natural divina e racional. Sendo assim, para o homem alcançar a verdadeira felicidade deve depender apenas das suas virtudes, isto é, dos seus conhecimentos e valores. Essa doutrina também ensina a cultivar uma mente tranquila e racional, independente do que aconteça, a fim de auxiliar o

---

<sup>8</sup> Pinturas com retratações históricas.

ser humano a reconhecer e se concentrar naquilo que pode controlar, e a não se preocupar e aceitar o que não pode controlar.

A reputada tripartição da filosofia em física, lógica e ética, ainda que tenha sido iniciada pelo acadêmico Xenócrates (339- 314 a.C.), encontrou entre os estoicos um sistema cuja “perfeição” eles não cansavam de exaltar. A ordem adotada com mais frequência (lógica, física e ética) foi instituída pelo próprio Zenão, que acabou por privilegiar a ética, assim como Sêneca privilegiou.

No Estoicismo, os princípios éticos da harmonia e do equilíbrio orquestram a própria Natureza e o homem deve guiar-se por esses princípios. Então, o ideal do sábio se baseia em viver em perfeito acordo e em total harmonia com a Natureza, suportando os sofrimentos da vida diária, restando suas paixões, até que seja possível conquistar a mais completa tranquilidade e paciência perante a todos os acontecimentos, alcançando a *ἀταραξία*<sup>9</sup>, ou seja, a imperturbabilidade da alma. Esta direciona o homem à felicidade, haja vista ele não ser mais afligido pelas mazelas da vida, aceitando, calma e racionalmente, o que advém sem resistir à ordem natural (*carpe diem*).

Viver conforme à natureza significa, pois, viver realizando plenamente essa apropriação ou conciliação do próprio ser e daquilo que o conserva e ativa. Particularmente, visto que o homem não é simplesmente ser vivo, mas ser racional, o viver segundo a natureza será um viver conciliando-se com o próprio ser racional, conservando-o e atualizando-o plenamente. Os estoicos almejam que a virtude e a felicidade sejam acessíveis a todos, e que o sejam neste mundo mesmo, mas, para isso é necessário que o mundo seja obrado o mais belo e o melhor possível.

De acordo com o pensamento estoico, tudo está espontaneamente interligado. No Estoicismo, não existe realidade transcendente, levando a acreditar que nenhuma dimensão espiritual seja possível, ideia que recusa a possibilidade de vida após a morte. Existe um princípio único, em que o universo, perfeitamente organizado em seus mínimos detalhes, pousa em uma conexão formal. Na harmonia e na estrutura de um conjunto de ideias, observável também nas proposições verdadeiras, nos fenômenos naturais e nas ações precisas, percebe-se a força do Estoicismo. Tudo o que existe está sob a determinação de uma força natural harmônica e que a virtude está em viver em acordo com o seu desígnio. Este caráter do Estoicismo é citado por Reale:

---

<sup>9</sup> O termo *ἀταραξία* foi usado primeiramente por Demócrito, depois pelos epicuristas e pelos estoicos para designar o ideal de imperturbabilidade ou de serenidade da alma derivado do domínio sobre as paixões ou da extirpação dessas. Analogamente, “o objeto do Ceticismo é a ataraxia nas coisas opináveis e a moderação nas coisas que são por necessidades” (ABBAGNANO, 2000, p.12)

O corpo é sempre matéria unida à qualidade, inseparáveis uma da outra: e todo corpo é sempre um momento incindível do todo do qual é parte. Existe uma única matéria, a qual traz em si o princípio da vida e da racionalidade, que faz germinar da matéria todas as coisas. Princípio passivo e princípio ativo, matéria e deus, não são, pois, duas entidades separadas; são lógica e conceitualmente distinguíveis, mas ontologicamente inseparáveis: constituem, portanto, uma única realidade (1994, pp.46-47).

O Estoicismo também se notabilizou pelo intuito de guiar, através da razão, as ações dos homens. Ressalta-se que somente com racionalidade é possível se alinhar com a ordem natural das coisas.

Na sua ânsia de defesa, o homem é incitado pela Natureza a conservar o próprio ser e amar a si mesmo. Esse instinto não está orientado somente para a conservação do indivíduo, mas estende prontamente a apropriação aos seus filhos, aos seus parentes e a todos os seus semelhantes. É a Natureza que, como confere o amar a si mesmo, confere também amar os que geramos e aqueles que os geraram.

O Estoicismo enxerga que as emoções destrutivas são resultantes de erros na nossa forma de ver o mundo e oferece um guia prático para o homem se manter resoluto, forte e no controle. A causalidade dos acontecimentos implica um determinismo, perante o qual a única atitude virtuosa é a aceitação, já que essas causas são externas e independem do querer. A aceitação do destino é compatível, contudo, com a vontade de fazer o bem, já que esta está no reino da interioridade. Essa aceitação seria o caminho da felicidade. Destarte, o Estoicismo propunha-se ajudar os homens a tornarem-se sábios e a assumirem um tipo de vida que os fizesse feliz.

### **1.3. A ética estoica**

O Estoicismo tende, ao longo de sua trajetória, à ética. De forma sintética pode-se dizer que o grande bem é a retidão da vontade e o grande mal, o vício. O que não se encontra em um, ou em outro, deve ser tomado com indiferença. Para o entendimento da ética estoica, conceitos como o bem, o belo e a felicidade são basilares. De acordo com Jean Brun:

Bem é aquilo pelo qual ou a partir do qual pode ser obtido o útil, e o útil de que falam os estoicos não é um valor técnico, pois este não é um valor de que o homem é a medida; o útil é o que está conforme ao sentido da vida, ao sentido do destino, ao sentido da vontade da divindade. Por isso este

naturalismo permite estabelecer distinções entre as coisas que existem; umas são os bens, como a reflexão, a justiça, a coragem, a sabedoria; outras são os males, como a irreflexão, a injustiça, a covardia etc.; outras enfim, são indiferentes porque não são bem úteis, nem nocivas, como a vida, a morte, a saúde, a doença, o prazer, a dor, a beleza, a vergonha, a força, a fraqueza, a riqueza, a pobreza, a glória, a obscuridade, a nobreza, a origem humilde etc. Tudo isto é considerado indiferente porque não serve nem prejudica por si mesmo; mas, o homem pode servir-se dessas coisas para prejudicar ou para ser útil; elas podem, por consequência, trazer a felicidade ou a infelicidade segundo o uso que delas se fizer (1986, p. 78).

Percebe-se, então, que no Estoicismo a plena felicidade (*εὐδαιμονία*) é o desenvolvimento harmonioso da vida e o revés a isto seria a infelicidade. Logo, a ética estoica busca a verdadeira felicidade e o caminho para alcançá-la é através da aceitação de que somos um com a Natureza e que tudo o que ocorre nela, inclusive conosco, faz parte da razão universal. Assim, a forma correta de se viver é seguindo a lei natural, e essa felicidade só é alcançada interiormente pelo indivíduo através de uma vida virtuosa. Portanto, o sábio é sempre feliz. Todos os bens materiais, como a riqueza, e externos, como fama e beleza, são indiferentes para se alcançar a felicidade e, por isso, os estoicos buscam viver mais conformados à Natureza, distanciando-se das coisas superficiais e ilusórias do mundo. Todavia, a valorização de coisas consideradas indiferentes é peculiar aos homens cujo entendimento da ordem natural é deficiente.

Na ética estoica, busca-se a virtude. Assim, citando Jean Brun, “a virtude é a presença do bem em uma pessoa, é uma perfeição em comum com o todo. Por isso, a virtude é una, é total: não se é mais ou menos virtuoso, se é virtuoso ou não” (1986, p. 80). A compreensão aqui é no sentido de determinar que, por serem todas as virtudes profundamente ligadas, mesmo havendo algumas distinções, quem possui uma delas usufrui das demais. A virtude pode bem ser entendida como uma alma racional, um ser vivo, que não apenas vive, mas pensa. Todavia, para atingir esse objetivo é necessário a ausência das paixões (*ἀπάθεια*)<sup>10</sup>.

Na definição de Zenão: “a paixão é um abalo da alma oposto à reta razão e contra a Natureza. Alguns dizem mais abreviadamente que a paixão é uma tendência demasiado veemente, e quando eles dizem demasiado veemente querem dizer que se afasta demasiado do equilíbrio natural” (BRUN, 1986, p. 81). A paixão é um movimento irracional da alma e,

---

<sup>10</sup> A palavra *ἀπάθεια*, em sentido literal, significa insensibilidade; mas, no uso filosófico antigo, designou o ideal moral dos estoicos, isto é, a indiferença, o desprezo em relação a todas as emoções: indiferença e desprezo alcançados mediante o exercício da virtude, para o qual a insensibilidade não é um dom nativo e natural, mas um ideal de vida difícil de alcançar. Cínicos e estoicos viram na *ἀπάθεια* a própria felicidade (ABBAGNANO, 2000, p. 15).

por isso, antagônico à Natureza e à razão, contrapondo-se à ética estoica. Ela é ocasionada por um erro de julgamento, uma opinião falsa, uma adesão indevida ou uma representação falsa e, por isso, precisa ser eliminada. Destaca-se que a *ἀταραξία*, ou seja, a imperturbabilidade da alma, é objeto principal no que tange eliminar as paixões<sup>11</sup>, pois ela exprime a serenidade intelectual tão almejada nos estoicos.

Com o passar do tempo a paixão deixa de ser entendida como obra dos deuses e passa a ser de inteira responsabilidade do homem. Então, a saída para o homem deve ser a de procurar, a exemplo do sábio, julgar sadiamente, de acordo com a razão natural, e esta capacidade é um exercício individual.

#### **1.4. O sábio: o homem ideal segundo o Estoicismo**

De acordo com Estoicismo, o sábio é aquele que moralmente evoluiu e separa os homens em duas categorias: os sábios e os insensatos. Os sábios são os que conservam sua sensatez mesmo nas maiores aflições; os insensatos são infelizes, pois são escravos de si mesmos e das circunstâncias.

O sábio é o homem ideal e é o resultado final de todo o pensamento estoico. Ele, e apenas ele, é guiado exclusivamente pela razão e, por isso, aprende a viver em harmonia com a Natureza. Ele, e somente ele, encontra a serenidade, aceitando do destino tudo que lhe é reservado, tanto a si mesmo como aos seus semelhantes. Somente o sábio alcança a autonomia plena, porque possui sabedoria que lhe possibilita compreender as leis da Natureza.

O sábio, na imortalidade de sua consciência intangível porque interior, incorruptível porque isolada, supera qualquer relação de forças externas, que agem a seu redor, e torna-se e é sempre o único dono e libertador de si mesmo [...] (LEONI, 1957, p.29).

O sábio nada perde porque ele tem tudo guardado dentro de si. A sua perfeição moral não depende de circunstâncias externas, mas conduz a sua vida em concordância com a lei universal da Natureza da qual sua própria natureza faz parte.

O sábio possui a virtude, é ao mesmo tempo homem que medita e age: meditando compreende as razões da harmonia universal, agindo concorre

---

<sup>11</sup> Ressalta-se que, Brum ao referir tais paixões no Estoicismo, está-se fazendo alusão a sentimentos exacerbados.

para esta harmonia, convencido de que há uma vontade universal e que a sua vontade a reflete, o estoico sente-se indicado para governar [...] (NOVAK, in LETRAS CLÁSSICAS, n.3, 1999, p..266).

Logo, o sábio tem por obrigação de auxiliar na compreensão do universo e levando outras pessoas a encontrarem a virtude. Este movimento não os afasta do mundo, como poderíamos imaginar, mas pelo contrário, os faz mergulhar mais profundamente na superfície de sua vida e de seu tempo. Dessa maneira, podemos dizer que o homem estoico ideal é aquele capaz de compreender no tempo e no espaço, não fora dele e, portanto, sabe viver melhor no mundo.

Algumas virtudes fazem parte de seu modo de viver: a prudência (*φρόνησις*), para saber dizer o que convém e o que não convém; a moderação (*σωφροσύνη*), pois nunca vai além de sua própria natureza; a justiça (*δίκη*), pois sabe dizer o que pertence a cada um; e a coragem (*θάρρος*), pois ele está à altura dos acontecimentos, porque se preparou e tem controle de si. Assim, se o homem está em perfeita consonância com a natureza, tanto suas ações, que são suas manifestações exteriores, quanto suas convicções, instância interna humana, estão indissociavelmente ligadas, pois o ser humano vive conciliando-se consigo e com as coisas que são de acordo com a sua própria essência.

Ullmann nos afirma que os estoicos colocaram em decadência antigos mitos da nobreza de sangue e da superioridade da raça, bem como o uso da escravidão. Toda a humanidade é declarada capaz de alcançar a virtude. O homem é anunciado estruturalmente livre, assim, nenhum homem é, por natureza, escravo. Os novos conceitos de nobreza, de liberdade e de escravidão ligam-se à sabedoria e à ignorância, sendo o verdadeiro homem livre o sábio (1996, p, 42). Orientada pela razão o sábio está preparado para enfrentar as adversidades da vida.

Além de sua historicidade, o homem estoico conta com sua individualidade universal, pois, antes de sua origem territorial, é homem, independente dos limites geopolíticos a que está inserido. A lei natural procura equiparar a todos e, por isso, o acúmulo de riquezas, os vícios e a necessidade de manter-se amparado pela grandeza das instituições não é bem vista pelos estoicos. Assim, a maneira mais adequada perante os infortúnios ou as mazelas da vida seria esse estado de espírito no qual o homem cumpre seus deveres sem estar, de forma alguma, dominado pelas emoções.

Os sábios são os únicos que vivem inteiramente conforme a Natureza e conforme a razão, e que são isentos de paixões. São virtuosos, suportam dificuldades e dores, suplantam obstáculos que atrapalham seu bem estar, encaram riscos sem se abalarem, conservam a

serenidade imperturbável.

A indiferença que o homem mostrava diante das coisas era um segredo para viver bem. O sábio agia assim, sem pedir recompensa, porque sabia que essa era a maneira de se conseguir a felicidade. O ideal perseguido não era outro senão o aprendizado de manter-se calmo, apático frente à realidade. Portanto, racionalismo, apatia e busca da felicidade se soldam na procura da perfeição. Assim, o princípio da “Virtude pela Virtude” resulta, pois, enganoso no Estoicismo (RAJ, 1986, p.90).

Ullmann ainda destaca que eles são excepcionais por serem também sinceros e desprovidos de pretensões (1996, pp. 45-46). Destarte, os homens que buscavam atingir a *ἀπάθεια* se libertavam da ansiedade como, também, tinham domínio de si mesmos, sendo capazes de se justaporem aos desejos e às inconstâncias da sorte. Logo, a independência em relação às emoções e aos desejos assegurava ao sábio um estado de pleno contentamento.

O homem estoico ideal deve refletir sobre o bem supremo, buscar a serenidade e ser indiferente à pobreza, às inimizades e, principalmente, à morte. Deixa de ser simplesmente um ser vivente. Sua finalidade está na contemplação, entendimento e no modo de vida em harmonia com a Natureza. Isso permite que viva isento de paixões, seguro de si e sincero com os outros. Ele aprende a enfrentar a dor, o medo, os desejos irracionais e os prazeres excessivos não mais com uma prudência insegura, mas com uma segurança benevolente e satisfeita. Nada os surpreende, nem mesmo a morte, pois o sábio está preparado para os acontecimentos, para as mudanças, para a imanência. Isso confere constância no seu conhecimento, coerência às suas atitudes e conveniência nas relações. E ele trabalha, continuamente, sobre si mesmo para ser afetado pelo mundo de maneira diferente dos outros homens (ULLMANN, 1996, p.61). Esse processo de formação do homem ideal depende mais de renúncias do que de conquistas.

Pode-se verificar, em Sêneca, que o sábio respeita os imperfeitos e, sem perturbar seu equilíbrio, é clemente para com eles, porém, não é indiferente. O sábio é colocado em contraste com o ser humano do qual Sêneca mostra todas as falhas. Ele apresenta o sábio como modelo normativo que se presta à condição de exemplo a ser seguido, não importando se será alcançado, contudo importa que apresente a diretriz a ser seguida por quem deseja possuir uma vida feliz, distanciando-se do estado imperfeito que a condição humana lhe atribui. Esse é o homem ideal, segundo o Estoicismo.

## CAPÍTULO II: CONHECENDO SÊNECA

*Toda a vida do homem não é outra coisa que o caminho para a morte.*<sup>12</sup>  
(Sêneca)

### 2.1. Quem foi Lúcio Aneu Sêneca?

Para entender o pensamento senequiano faz-se necessário compreender a história de vida de Sêneca, para conhecer quais foram as influências que possibilitaram a construção de suas ideias.

Podemos afirmar, sem nenhuma hesitação, que Lúcio Aneu Sêneca foi um homem que viveu escolhas árduas. De participante de postos políticos de destaque do Império Romano a exilado, sendo compelido ao suicídio, este homem de experiências extraordinárias nos deixou um legado que ultrapassa os séculos, conservando-se moderno.

Nascido em Córdova, importante província romana em Hispânia, foi um pensador estoico e um dos mais célebres advogados, escritores e intelectuais do Império Romano. O pai, Marco Aneu Sêneca, cuja obra conseguiu a deferência dos círculos intelectuais e políticos da sua época, era retórico e escritor reconhecido. A mãe, Hêlvia, era oriunda de uma família rica e influente.

Ainda que sua cidade natal oferecesse boas perspectivas para a educação infantil, a sua família resolveu se mudar para Roma, por acreditar que a capital do Império proporcionava melhores condições de ensino para os filhos. Neste ambiente, ele e seus irmãos desfrutaram de uma educação fundada na honra e na austeridade, características da tradição romana.

Em Roma, Sêneca recebeu uma formação aprimorada, baseada na Gramática, na Retórica e na Filosofia. Os ensinamentos de seus professores lhe trouxeram o gosto pelo pitagorismo. Segundo os pensadores pitagóricos, para se alcançar a salvação fazia-se necessário amoldar-se com o divino, apartando-se das inconformidades da vida. A maneira para se chegar a isso era a contemplação teórica, que, para além dos conflitos, identificava a

---

<sup>12</sup> *Consolatio ad Polybium* XI, 2.

harmonia. Embora o movimento pitagórico tivesse chegado ao seu final, Sêneca nunca mais se afastou do convívio dos filósofos que lhe davam uma elucidação universal para as celeumas que afligiam o homem. Assim, Sêneca acabou descobrindo o estoicismo.

Mais tarde, mudou-se para Alexandria, no Egito, para tratamento da saúde. Foi nesse mundo cosmopolita e de clima favorável à sua saúde que Sêneca pôde também encontrar os recursos espirituais que marcaram sua vida. Com a saúde restabelecida e de posse dos conhecimentos e convicções espirituais que havia assimilado no Oriente, Sêneca retornou a Roma no ano 31, quando o governo de Tibério chegava ao final. Nessa ocasião, dedicou-se à literatura e ao estudo da filosofia e das ciências naturais, que ainda não eram campos de pesquisa claramente separados. Em seguida, iniciou carreira como orador e advogado, sendo nomeado questor<sup>13</sup> e, depois, conseguindo chegar ao Senado.

De acordo com o biógrafo Astrana Marín, em um dos momentos mais tumultuosos da História, Sêneca conviveu com alguns dos mais importantes personagens de seu tempo, a começar por Calígula. Ao discursar no foro criticando a instituição da escravidão e as desigualdades sociais do governo de Calígula e, destacando a fraternidade e o amor como fundamento das relações entre os homens, provocou a ira daquele que se sentiu ofendido e decidiu matá-lo, livrando-se da condenação graças à influência de amigos que atestavam a fragilidade de sua saúde. Argumentavam que sua vida não seria das mais longevas (1947, p. 12).

Em 41, com o assassinato de Calígula, Cláudio assume o poder. Nesse mesmo ano, Sêneca é acusado por Messalina, esposa do Imperador Cláudio, de ter cometido adultério com Julia Lívia, sobrinha do Imperador. A Sêneca aplicou-se a lei do adultério para salvar a sociedade. No caso, seu crime tinha um agravante, porque a adúltera era uma princesa imperial. Sêneca seria sentenciado à morte, mas o imperador Cláudio interveio no momento da sentença e a pena foi convertida para o chamado rebaixamento (*relegatio*), uma espécie de exílio sem perda de propriedades e direitos civis. É então exilado na ilha de Córsega, onde permaneceu por oito anos. Julia Lívia, por sua vez, foi condenada ao exílio e, em seguida, recebeu a sentença de morte.

Seu exílio chega ao fim quando, em 49 d.C., a sobrinha e agora nova esposa do Imperador, Agripina, convence o marido da necessidade da revogação do exílio. A nova imperatriz, motivada pela grande popularidade de que Sêneca dispunha em Roma, e motivada pela publicação dos seus escritos, articulou o seu retorno. Seu objetivo era torná-lo

---

<sup>13</sup> Os questores eram uma classe de magistrados que tratava das finanças de Roma.

preceptor do filho de seu primeiro casamento, Lúcio Domício Enobarbo, então com onze anos, adotado pelo imperador no início de 50. Com a adoção, Domício recebeu o nome de Nero, da família de Cláudio, o que o colocou na linha de sucessão. Com a intervenção, Sêneca volta para Roma e torna-se preceptor de Nero. Nessa época, casa-se com Pompeia Paulina, jovem de uma família rica de senadores, que o acompanhou até o final de sua vida. Quanto ao seu primeiro casamento e à sua primeira mulher, pouco ou nada se sabe, a não ser que teve um filho, Marco, que nasceu em 39 e morreu no ano de 41 (ASTRANA MARÍN, 1947, p. 18).

Nero assume o Império Romano em 54 d.C., e Sêneca se tornou um de seus principais conselheiros, tentando orientá-lo para uma política justa e humanitária. Além de desempenhar a função de preceptor de Nero, Sêneca encontrava tempo para as suas reflexões filosóficas. Mas, em 59, Nero assassina a própria mãe. Ele não alimentava afeto por ela porque esta havia assassinado sua tia Lépidia, com quem havia se criado. Os reflexos dessa ação chegaram a Sêneca, que dedicou todo o seu talento retórico para compor o pronunciamento que Nero fez no Senado, dia seguinte, para justificar o assassinato da própria mãe.

Lohner relata que no ano de 62, já sem nenhuma interferência junto a Nero e discordando das atitudes de seu governo opressivo, Sêneca decide retirar-se gradualmente da vida pública, passando a dedicar-se, prioritariamente, ao *otium*, ou seja, tempo livre para se dedicar à leitura e à escrita (2014, p.11). Destarte, esse tempo livre, ócio útil, não se constituía simplesmente de um descanso, mas sim, era parte integrante da busca pela formação do homem ideal, o espaço para combater dúvidas e ansiedades do árduo caminho rumo à perfeição.

Intercalada por vitórias e aflições no âmbito público e pessoal, a vida de Sêneca estava chegando ao fim. No ano de 65, Sêneca foi acusado de participar da conspiração de Caio Piso, que teria planejado o assassinato do Imperador Nero. Embora faltassem provas e ele se tivesse declarado inocente da participação nesse movimento, Sêneca ficou sob suspeita diante de Nero, e o resultado disso, sem qualquer julgamento, foi ser obrigado a cometer o suicídio. Na presença dos seus amigos, cortou os pulsos com serenidade, atitude que defendeu durante sua vida. Após a malograda tentativa de suicídio com esse método moroso, Sêneca teve de buscar no envenenamento a solução para o seu fim. Mas só obteve êxito quando, auxiliado por seus serventes e submerso em banheira de vapor quente, foi sufocado. Por fim, Sêneca morreu em 19 de abril daquele mesmo ano. Seu corpo foi incinerado sem qualquer pompa.

Foi desta forma que ele vivenciou aquele momento especial de suas exortações. Segundo ele, a morte deveria ser enfrentada sem angústia ou medo, por ser a oportunidade de libertação e concluiu a sua existência combinando reflexão e prática, conforme pregara.

## 2.2. O legado de Sêneca

Necessário se faz discutir a obra de Sêneca, que é constituída de um caráter moral, ético e prático, à medida que se analisam situações concretas sobre a Natureza e o comportamento humano, assim como os valores da existência que coloca na ordem do dia e que garantem a sua atualidade. Muitas de suas reflexões se perderam com o tempo, porém várias foram preservadas. Atualmente, conhecem-se obras filosóficas, uma sátira e algumas tragédias.

Os temas por ele retratados que, geralmente, eram de reflexão grega, já tinham sido também desenvolvidos por poetas do período arcaico. Sêneca trouxe a filosofia para o âmbito do latim, pois antes se encontrava circunscrita ao idioma grego. A grande contribuição de Sêneca foi adaptá-los à linguagem mais objetiva e informal, ao interesse imediato do gênero didático-epistolar, sem negligenciar a discussão dos males que atormentavam a humanidade.

De acordo com o historiador Júlio Mangas Manjarrés, Sêneca não coloca em pauta o drama dos seus personagens, mas as dores da sua alma: nas inspirações das grandes paixões heroicas produzem as intervenções relativas ao destino, ao mistério do universo, ao trabalho espiritual do homem. As suas personagens têm uma orientação estoica e por isso, devem pensar, não agir; devem falar, não lutar; despertar interesse, mas não comover. Ele procurava aplicar o seu pensamento à prática (2001, p. 24).

Sua obra, de caráter abrangente e prolixa, disserta inúmeros assuntos em prosa cotidiana e aguçada ironia. Todavia, seu pensamento não deveria ser entendido como pouco aprofundado, menos poderoso ou pouco interessante. Trata-se de uma abordagem aberta que propõe mudanças no Estoicismo tradicional. Para Sêneca, o Estoicismo não precisava seguir regras inflexíveis e doutrinárias, pois a rigidez estoica era quase impraticável e o idealismo que a cercava chegava, por vezes, a parecer sem sentido. Segundo Paul Veyne a obra senequiana não possui uma excepcional qualidade nos detalhes, não é exemplo de refinamento, mas é eficaz: “O drama em sua integridade é o que nos impõe soberbamente”. Sêneca “se instalou no coração da existência estoica, se empapou de seu princípio e adivinhou com seguro instinto as atitudes que se derivavam da doutrina” (1995, p. 250).

### 2.2.1. *Ad Lucilium Epistulae Morales*

Na obra *Ad Lucilium Epistulae Morales*, Sêneca apresenta inúmeros assuntos, entre as dúvidas e as inquietações de seu pupilo Lucílio, não apenas procurando elucidar as questões, mas esclarecer para si mesmo indagações que mereceram sua atenção durante a vida. Esta obra é considerada por muitos estudiosos como um dos mais importantes legados de Sêneca, importância geralmente explicada por se situar cronologicamente entre as produções da última fase do autor, refletindo, portanto, a forma mais madura do seu pensamento.

Nas cento e vinte e quatro cartas, decompostas em vinte livros, percebe-se que as preocupações senequianas são as mesmas de quando ele começou a sua caminhada pessoal em busca do que ele acreditava ser a sabedoria, manifestando, portanto, sua vocação para ser orientador daqueles que desejassem alcançar os domínios da perfeição humana.

As epístolas morais, apresentadas como *meditatio mortis*, ou seja, a meditação sobre a morte, compõem o que seria uma conduta em série. São como episódios que podem ser vistos de duas formas: as cartas consistem em um conjunto que demonstra uma certa sequência na troca entre elas, mas também exibem, a cada carta, uma estrutura particular que demonstra um encerramento em si mesmas. Os textos são construídos de forma que seja possível, através de uma repetição habilidosa, encerrar a leitura a qualquer ponto. Mas, além dessa característica, têm uma base que propicia o entendimento da morte, corroborando não somente para uma reflexão sobre ela de uma maneira em geral, mas sobre a finitude do próprio leitor, e das mortes de Sêneca e de sua esposa Paulina.

Em suas cartas enviadas a Lucílio havia muito mais que informações e notícias. Havia, sim, princípios teóricos, na tentativa de converter o amigo à doutrina estoica e levá-lo à aquisição de conhecimentos e habilidades que deveriam ser aplicados na vida prática, a fim de que ele se libertasse das dependências de ordem social e política, e se aproximasse, tanto quanto possível, do homem ideal, isto é, de ser um sábio. Com estrutura menos “rígida” e com coesão mais “frouxa”, essas cartas permitem uma compreensão mais fácil, proporcionando acessibilidade que, por assim dizer, quase leva o interlocutor pela mão, inserindo-lhe ao discurso e efetuando uma didática extremamente agradável.

As cartas a Lucílio, segundo Paul Veyne foram escritas diante de um medo generalizado dirigido a si mesmo e aos demais, dentro de um cenário romano “em que a luta de todos contra todos era sem fé nem lei; em que o clientelismo se sobrepunha ao

regulamento; em que a sobrevivência física era tão aleatória como em uma população civil ocupada por milícias armadas: uma vida não conta, se bebe como um copo de água” (1995, p. 260). Percebe-se assim que as cartas nos contam a história da vida de quem ali convivia dentro do Império Romano.

Sêneca escolhia criteriosamente seus pupilos, só aceitando encarregar-se da orientação moral de alguém em quem reconhecesse, seguramente, uma vocação filosófica inata. Então, declara sua visão positiva acerca do destinatário: “formo boa expectativa a teu respeito!” (*bonam spem de te concipio* - Ep, I, 2). Lucílio, o destinatário das mensagens, amigo e discípulo do autor, deve a sua imortalidade à amizade que o uniu a Sêneca, a quem se deve praticamente tudo o que sabemos sobre ele (CAMPOS, 1997, p. VI). Deduz-se, a partir das cartas, algumas características gerais sobre Lucílio, como a sua cidade natal, Pompeia, seu pertencimento à classe equestre e também sua ocupação de procurador imperial em diversas regiões. Há quem afirme, no entanto, que o destinatário fosse uma invenção literária de Sêneca. Certos artifícios literários usados na obra indicam, segundo Moura (2014, p. 292), que

o problema do ‘outro’ interiorizado manifesta-se não apenas como temática da correspondência entre Sêneca e seu pupilo: as Cartas já são também um exercício de meditação *cum dialogo*. Nelas, diversas instâncias de alteridade dão a Sêneca a oportunidade de confrontar suas ideias com pontos de vista diferentes dos seus.

Acredita-se que no início Sêneca ministrasse seus ensinamentos estoicos ao pupilo Lucílio oralmente, mas, após o destacamento de Lucílio para a Sicília, escolheu esse gênero para prosseguir seus ensinamentos, suplantando a distância geográfica (MANJARRÉS, 2001, p. 37). Quer tenha sido escrita para seu pupilo, quer para a gerações vindouras, é certo que as relações feitas por Sêneca por meio de imagens e metáforas entre o abstrato e as coisas concretas dão brilhantismo à obra, demonstram a inteligência do autor e fazem com que o texto seja pedagógico. O gênero epistolar era muito utilizado para quem pretendia expor suas teorias. No caso, Sêneca exibiu modelos reais que elucidavam as argumentações teóricas que pretendia explicar ao jovem.

“Reivindica-te a ti mesmo!” (*Vindica te tibi* - Ep. I, 1). Nesta oração, que abre a primeira das cartas, nota-se, como já se apontou, a presença de pronomes pessoais, de efeito enfático em latim, a qual tira o interlocutor de sua latência, trazendo-lhe para a participação no diálogo, mantendo sempre um tom de cordialidade entre eles.

Sêneca, nestas cartas, propunha uma busca contínua em direção da sabedoria. De

acordo com Lohner:

Sêneca expressa um firme posicionamento contrário a todo procedimento de estudo e tema de investigação que não vise estritamente ao aprimoramento moral ou não interesse diretamente ao conhecimento da Natureza humana, ao aprofundamento da consciência de nossa condição e a um processo de elevação espiritual (2014, p. 17).

Essa busca contínua por uma elevação espiritual seria endereçada tanto para seu pupilo como para ele próprio, sendo uma espécie de autoeducação. De início as cartas vão procurando sensibilizar Lucílio para tal instrução e, em seguida, passam a ensinar princípios morais estoicos. Essa forma instrutiva vai perdurar em toda a obra. Ora Sêneca aconselha Lucílio, ora Lucílio aconselha o mestre, ora Sêneca aconselha Sêneca, ou Sêneca aconselha a posteridade; e ainda temos Sêneca lembrando o pupilo de algo que este havia escrito em sua poesia.

É perceptível, logo na primeira carta, uma ideia do que será desenvolvido ao longo das cartas que selecionamos para nosso estudo: fazer uma reflexão sobre a morte dentro do paradoxo de morrer a cada dia<sup>14</sup>.

Para iniciar sua reflexão, Sêneca coloca o homem diante da perspectiva temporal. É uma orientação para que Lucílio mude sua percepção com relação ao tempo:

*Ita fac, mi Lucili; vindica te tibi, et tempus, quod adhuc aut auferebatur aut subripietur aut excidebat, collige et serva. Persuade tibi hoc sic esse, ut scribo: quaedam tempora eripiuntur nobis, quaedam subducuntur, quaedam effluunt. Turpissima tamen est iactura, quae per negligentiam fit. Et si volueris attendere, maxima pars vitae elabatur male agentibus<sup>15</sup>, magna nihil agentibus, tota vita aliud agentibus.*

Procede deste modo, caro Lucílio; reivindica a ti também o tempo, que até agora ou era tirado, ou era roubado ou era destruído, reflete e guarda-te. Persuade-te de *que*<sup>16</sup> isto seja assim, como escrevo: alguns tempos nos são arrancados, outros subtraídos, outros passam. Torpíssima, porém, é a perda que acontece por negligência. E se tivesses desejado estar atento, grande parte da vida mal escaparia pelo agir, grande parte em nada pelo agir, toda a vida diferentemente pelo agir. (*Ep.* I, 1).

Introdutoriamente, Sêneca exhibe algo com o qual o ser humano deva se preocupar: a

<sup>14</sup> Esta carta inicia com *ita fac*, “proceda deste modo”, em uma alusão à troca de cartas anteriores. É um recurso cíclico indicativo da continuidade na obra.

<sup>15</sup> agentes: que agem (particípio presente plural).

<sup>16</sup> Para melhor compreensão da tradução, utilizamos a palavra “que” em itálico introduzindo uma oração desenvolvida em substituição à reduzida presente no texto original.

negligência, isto é, a negligência ao evitar de pensar em um assunto inexorável como a morte, sendo conduzido pela vida sem dela extrair o que o tempo nos proporciona. O tempo seria o fio condutor que recebe os momentos valiosos de contemplação. Jean Brun muito aplicadamente corrobora que é como se o homem oscilasse, tendo para algumas questões a dimensão de sua fragilidade e para outras a ideia de que seus esforços e avanços na vida não têm qualquer urgência, justamente como se esta vida se prolongasse *ad eternum*. Desperdiça abundantemente seu tempo como se a vida esperasse infundavelmente por suas sábias decisões (1986, p. 98).

Com base neste pensamento, Sêneca admite o *cotidie mori*, morrer a cada dia um pouco, como algo indiscutível:

*Quem mihi dabis, qui aliquod pretium tempori ponat, qui diem aestimet, qui intellegat se cotidie mori? In hoc enim fallimur, quod mortem prospiciamus; magna pars eius iam praeterit. Quicquid aetatis retro est, mors tenet.*

Quem apresentas para mim que pague algum preço pelo tempo, que avalie o dia, que entenda que se morre todos os dias? Na verdade, somos enganados por aquilo que esperamos da morte; grande parte disso logo passa. Qualquer vida é passageira, a morte alcança. (Ep I, 2).

Com essas palavras Sêneca assinala a necessidade de levar a sério o assunto morte tendo em mente o tempo que se esvanece, e adverte a urgência desse assunto em nossas vidas, pois, a qualquer momento, a vida pode nos expulsar dela: “uma coisa: a natureza nos enviou a este lugar fugaz e escorregadio, do qual ela expulsa quem ela quer” (*In huius rei unius fugacis ac lubricae possessionem natura nos misit, ex qua expellit quicumque vult.* - Ep I, 3). Essa passagem deixa bastante evidente o pertencimento do homem ao tempo presente e não ao passado nem ao futuro.

Dentro desse campo da moral ele se debruça sobre o tema morte e seus desdobramentos. Para Sêneca transmitir essas noções exigia mudança em vivência, ou seja, apenas o conhecimento sem sua interiorização seria uma prática estéril. Seu intento foi sempre o de preparar Lucílio neste sentido. Não tinha interesse em reflexões puramente teóricas, pois o que se aprendia deveria ser sempre demonstrado em experiência, ou seja, de ser sempre praticada a teoria. Evitava, portanto, limitar-se a elucubrações lógicas e insistia que seu aluno compartilhasse desta postura diante da vida.

Nas Cartas a Lucílio, Sêneca sempre faz um esforço no sentido de promover mudanças, indo além da reflexão. Exibe um caráter menos técnico e mais oratório, facilitando a concretização de seus objetivos didáticos. Segundo Lohner:

O autor investe na eficácia dos recursos de linguagem, concentrando todo o esforço em estimular a adesão do leitor a uma postura interior, considerada capaz de habilitá-lo a lidar positivamente com suas angústias e a avançar no programa de aperfeiçoamento moral propugnado pelo filósofo. O princípio em que se assenta essa prática filosófica está no poder terapêutico atribuído ao discurso persuasivo (1986, p. 147).

A beleza dessa sequência de cartas está em uma interligação de ideias, umas reforçando as demais sem margem para contradições. Seu objetivo é muito claro: levar o pupilo Lucílio a dominar os princípios do Estoicismo, a aplicar esses princípios em sua vida prática e, mais, libertá-lo de quaisquer condicionamentos de ordem social e política para chegar à tranquilidade da alma.

## CAPÍTULO III: PROVER-SE PARA A MORTE

*“O homem sábio vive tanto quanto deve, não tanto quanto pode<sup>17</sup>”.* (Sêneca)

### 3.1. A arte de saber viver e de saber morrer

O tema da morte está presente em toda a obra de Sêneca, sendo para o pensador estoico uma grande preocupação. Para Sêneca, a atividade filosófica e toda a vida tornavam-se uma preparação para a morte, como já consideravam os gregos, especialmente Sócrates (CAMPOS, 1991, p. XXII), isto porque, no pensamento senequiano, o homem era um ser que nasceu para a morte, pois a mortalidade se constituía como uma determinação da natureza humana. Por isso, a maior parte de suas reflexões acaba, de um modo ou de outro, abordando sobre a morte, seja da morte em si como fim da existência, seja das pequenas “mortes” como as perdas, mazelas e angústias com que o ser humano enfrenta ao longo da vida.

Sêneca diz a Lucílio:

*Permitte mihi hoc loco referre versum tuum, si prius admonuero, ut te iudices non aliis scripsisse ista, sed etiam tibi. Turpe est aliud loqui, aliud sentire; quanto turpius aliud scribere, aliud sentire! Memini te illum locum aliquando tractasse, non repente nos in mortem incidere, sed minutatim procedere; cotidie morimur.*

*Cotidie enim demitur aliqua pars vitae, et tunc quoque, cum crescimus, vita decrescit. Infantiam amisimus, deinde pueritiam, deinde adulescentiam. Usque ad hesternum, quicquid transît temporis, perit; hunc ipsum, quem agimus, diem cum morte dividimus. Quemadmodum clepsydrum non extremum stillicidium exhaurit, sed quicquid ante defluxit, sic ultima hora qua esse desinimus [...].*

Permita-me, neste ponto, citar um verso teu, se irei sugerir primeiramente, de modo que julgues que tu não escreveste estas coisas para outros, mas também para ti. É desonroso dizer uma coisa, sentir outra; quanto é mais desonroso

---

<sup>17</sup> *Ep*, LXX, 4

escrever uma coisa, sentir outra! Lembro-me que tu havias discutido aquele assunto algumas vezes, não nos sucederá repentinamente a morte, mas avançaremos gradualmente; diariamente morremos. Diariamente, na verdade, é arrancada alguma parte da vida, e por isso mesmo quando crescemos, a vida decresce. Deixamos escapar a infância, depois a adolescência, depois a mocidade. Até ontem, algo de tempo passou, perdeu-se; este mesmo dia que tocamos, dividimos com a morte. Da mesma forma, a última água não esvazia a clepsidra, mas escorre diante de quem quer que seja, assim é a última hora em que deixamos de existir [...] (*Ep.* XXIV, 19-20).

De acordo com esta ideia, o ser humano falha ao temer a morte como um mal vindouro, porquanto ela já está no presente, dia após dia, sem se dar conta disso. O fato é que o tema morte é algo que o homem sempre terá que considerar, querendo ou não, pois essa realidade é inevitável. Deste modo, a morte se faz presente como integrante da vida.

Por ser a morte algo inevitável, cabe ao homem prover-se para encarar sua inexorável realidade, pois todos irão passar por ela e, para isso, basta estar vivo. Dessa forma, Sêneca dedica a máxima preocupação com o tema, bem como de sua presença ameaçadora e angustiante, todavia, para o pensador, a reflexão sobre a morte era algo que lhe conferia consolo e paz (ULLMANN, 1996, p. 99), pois a sua presença era compreendida como um alívio, ou seja, um fim para todos os sofrimentos, tristezas e angústias que assolavam os homens em vida. Destarte, essa ideia de Sêneca consistia na necessidade de uma boa reflexão ao longo da vida sobre a morte e para a morte. Assim, a grande lição a ser aprendida na formação do homem está em torno do saber morrer, o que está intrinsecamente ligado ao saber viver com sentido. A Lucílio, Sêneca adverte:

*Noli torqueri, tamquam de re magna deliberes. Non est res magna vivere; omnes servi tui vivunt, omnia animalia; magnum est honeste mori, prudenter, fortiter. Cogita, quamdiu iam idem facias: cibus, somnus, libido, per hunc circulum curritur.*

Não queiras te atormentar como se deliberasses grande coisa. Não é uma grande coisa viver; todos os teus servos vivem, todos os animais vivem! A grandeza é morrer com honra, sabedoria e bravura! Re para quanto tempo fazes a mesma coisa: alimento, sono, desejo, através disto percorre-se o ciclo (*Ep.* LXXVII, 6).

De acordo com esta concepção, a morte estaria ligada às leis elementares da vida: comer, dormir, desejar... Ao homem caberia a concepção de que a vida percorria um ciclo e, por isso, não deveria existir aflição, desesperança e temor em suas reflexões, especialmente porque a existência era entendida como um exame, uma avaliação permanente e própria da sabedoria. Nesta sabedoria era que surgia a reflexão sobre a vida, sobre o bem e o mal, sobre

os valores morais e éticos, sobre o supremo bem, sobre as coisas que eram intrínsecas e, possivelmente, transcendentais no homem. Mas, para tal, o ponto de partida era o saber viver.

No entanto, essa mesma arte de saber viver converteu-se na arte de saber morrer, na fonte responsável pela inspiração de todas as dimensões da vida. Por esse motivo, Sêneca não aceitava o tempo gasto inutilmente ou qualquer outra atividade que inviabilizasse a prática reflexiva do homem. Meditação para a vida era o mesmo que meditação para a morte. Dever-se-ia aprender a viver por toda vida, pois a vida era um eterno aprender a morrer. Ao desempenhar esse papel de ensinar ao homem a arte de viver feliz e morrer dignamente, Ullmann comenta que Sêneca assume o seu caráter pedagógico, ajudando o homem, passo a passo, e apontando-lhe o caminho para viver autenticamente, possibilitando a sabedoria indispensável para se alcançar a perfeição e uma vida feliz (1996, p.102).

Para conhecermos um pouco mais sobre este caráter pedagógico de Sêneca, a seguir, faremos uma análise mais específica de algumas cartas trocadas, propriamente ditas, entre o mestre e seu pupilo Lucílio, e atentaremos ao fato de que, embora não venham ser apresentadas em uma ordem numérica, estarão agrupadas pelos temas. Evidentemente, não será apresentado o teor completo das cartas selecionadas, pois serão vistas somente as partes concernentes ao tema morte, procurando estabelecer uma relação entre seus conteúdos.

### **3.2. O suicídio: (Cartas LVIII e LXX)**

A partir deste momento iniciaremos a análise das correspondências trocadas entre Sêneca e seu pupilo Lucílio, começando pelas cartas LVIII e LXX, que resguardam algumas semelhanças em seus tópicos: da questão do suicídio em suas várias nuances.

Como comenta James Ker, mortes tais como enforcamento, afogamento, jogar-se de precipícios, ou assemelhados que impliquem um abandono diante da Natureza eram percebidas como atos de pessoas de classes mais baixas e desesperadas, ao contrário dos meios mais honoráveis, executados com armas de metal. Para Sêneca, as formas do suicídio não importavam tanto, e suas implicações estilísticas tinham importância secundária. Eram vistas como caminhos para a liberdade e, nesse sentido, não importavam os métodos que respondiam ao desejo de pôr fim à vida e alcançar a liberdade (2009, p.13).

É notável a abundância de textos em que Sêneca fala sobre o suicídio e a defesa que faz, em algumas circunstâncias, desta forma de abandonar a vida. Ele era, notavelmente, fascinado pelo tema suicídio, mesmo para os padrões romanos, como corrobora Veyne (1985, p. 28). Mas, aqui, cabe uma ressalva: Sêneca não defende o suicídio para evitar a dor física,

que seria uma condição interior nossa. As condições exteriores, estas sim, poderiam oferecer permissão, na ótica senequiana, para que se desse fim à própria existência. De acordo com Leoni, Sêneca classifica o que seriam suicídios com motivações erradas como o desejo pela morte (*libido mortis*), o ódio pela vida (*odium vitae*) entre outros, por representarem formas de fuga do domínio da razão (1957, p.155).

Uma situação em que a defesa do suicídio tinha justificativa em Sêneca era aquela onde as condições políticas tornavam impossível levar uma vida com dignidade.

La muerte voluntaria puede ser el método de obviar la dictadura y el poder tiránico, la esclavitud, los ultrajes y las vejaciones físicas, políticas y psíquicas, pero en esos casos es una elección voluntaria, consciente, meditada, nunca completamente libre, aunque sea un camino para lograr la libertad<sup>18</sup> (Andrés, 1998, p. 191).

A partir desse entendimento, a morte voluntária proporcionava a chance de se escapar do risco de sucumbir diante de circunstâncias indignas ao homem de bem e de se afastar do sofrimento consequente de um mal irresolúvel e do poder tirânico, daí ser o suicídio um elemento assegurador da liberdade.

Para iniciarmos, analisaremos a carta LVIII, que aborda a questão do suicídio. Seu questionamento inicial ocorre no sentido de esta escolha ser virtuosa e se ela estaria em sintonia com a Natureza, o que para um estoico era fundamental, pois nela tudo se encontraria em transformação e a morte fazia parte disso.

Sêneca orienta Lucílio a refletir sobre a progresso da vida até o momento em que a morte chegaria, que poderia ocorrer de forma natural, mas, também, através do suicídio. Este último ato seria legítimo quando as condições exteriores impossibilitassem o homem de viver com dignidade e, então, leva Lucílio a analisar se a vida por ele transcorrida se deu de forma digna, pois “agradável é estar em companhia de si próprio o maior tempo possível, quando alguém se faz digno de quem se usufrua” (*iucundum est secum esse quam diutissime, cum quis se dignum, quo fruere tur - Ep. LVIII, 32*).

Podemos perceber que Sêneca reprovava a prática do suicídio quando esta fosse para evitar as responsabilidades ou, também, como um ato de desespero. Para ele, o suicídio aparecia como uma via de escape a uma vida inútil, porque a vida somente teria sentido se fosse vivida em plenitude, com dignidade, mesmo que ela fosse curta, pois o mais importante era a qualidade da vida e não a sua duração. Morrer, segundo Sêneca, era uma

---

<sup>18</sup> A morte voluntária pode ser o método de evitar a ditadura e o poder tirânica, escravidão, ultrajes e humilhações físicas, políticas e psíquicas, mas, nesses casos, é uma escolha voluntária, consciente e ponderada, nunca totalmente gratuito, mesmo que seja uma forma de alcançar a liberdade.

decisão pessoal e intransponível. Portanto, o homem deveria manter a sua vida enquanto ela fosse digna, enquanto fosse útil. Caso contrário, seria lícito e moral ir à morte pelas suas próprias mãos.

Um outro assunto abordado por Sêneca era a legitimidade do suicídio quando o homem alcançasse o estágio avançado da velhice. O homem na velhice não era idêntico ao que fora na juventude, nem mesmo seria pela manhã o que fora no dia anterior. Assim, nossos corpos correm com rapidez no tempo como uma torrente dos rios. Por isso, na fase derradeira da vida, caberia ao homem refletir se a chegada da morte deveria ser antecipada com a prática da *εὐθανασία*<sup>19</sup>, a fim de minimizar esta última fase da senectude ou se deveria aguardá-la naturalmente. Todavia, ele adverte que esperar pela morte poderia ser um ato de omissão e de fraqueza. Para tal, Sêneca analisa:

*Itaque de isto feremus sententiam, an oporteat fastidire senectutis extrema et finem non opperiri, sed manu facere? Prope est a timente, qui fatum segnīs expectat, sicut ille ultra modum deditus vino est, qui amphoram exiccat et faecem quoque exorbet. De hoc tamen quaeremus, pars summa vitae utrum faex sit an liquidissimum ac purissimum quiddam, si modo mens sine iniuria est et integri sensus animum iuvant nec defectum et praemortuum corpus est. Plurimum enim refert, vitam aliquis extendat an mortem.*

Opinemos, portanto, sobre esta questão: porventura é oportuno desdenhar os extremos da velhice, e não esperar o fim, mas fazê-lo com as próprias mãos? Perto está o temeroso, que aguarda o destino preguiçoso, pois é exageradamente dado ao vinho, que esvazia a ânfora e, do mesmo modo, suga a borra. Sobre isso, entretanto, investigamos se a maior parte da vida é a borra, ou algo mais puro e transparente, se apenas a mente está livre de danos, e todos os sentidos ajudam a alma, e o corpo ter sido abandonado e paralisado. Na verdade, o mais importante é saber prolongar a vida ou a morte. (*Ep.* LVIII, 32,33).

Conforme podemos observar no trecho supracitado, na velhice, a vida deveria ser mantida somente após fazer um exercício do julgamento. Esta vida poderia ser vivida com dignidade mesmo com a idade avançada? Se sim, deveria ser prolongada enquanto fosse possível; se não, deveria apenas ser prolongada enquanto fosse devido. Uma vida onde se tivesse uma mínima possibilidade de raciocínio, em que os sentidos ainda servissem à alma e cujo corpo não estivesse paralisado, segundo Sêneca, seriam indicativos entre se estar estendendo a vida ou estar vivendo uma quase morte. Para ele, se o corpo não estivesse ao alcance de suas ocupações devido à idade bem avançada, parecia reto que fosse liberado de

<sup>19</sup> O termo vem do grego (*εὐ* = bom + *θάνατος* = morte) e pode ser traduzido como “boa morte” ou “morte sem sofrimento.”

seu fardo, bem como a alma liberada de seus embaraços. Neste caso, a abreviação da vida seria algo honroso.

Para Sêneca, seria mais plausível pôr término à vida do que prolongá-la em circunstâncias débeis. Muitas eram as pessoas que faleciam em idade avançada e em lamentáveis condições e, segundo ele, a estas deveria ser concedida a conveniência da escolha: “além do mais, quanto julgas ser algo mais cruel definhar da vida do que o direito de findá-la”? (*quanto deinde crudelius iudicas aliquid ex vita perdidisse quam ius finiendae?* - *Ep.* LVIII, 34). Ratifiquemos que o poder de julgamento para um estoico estava sempre presente e operava ininterruptamente de acordo com a Natureza. A respeito, Sêneca profere: “Não abandonarei a velhice, se me guardar o todo para mim, no entanto o todo daquela melhor parte” (*Non relinquam senectutem, si me totum mihi reservabit, totum autem ab illa parte meliore* - *Ep.* LVIII, 35). Optava por fugir deste edifício deteriorado e abatido, se a vida se resumisse em, apenas, sobrevivência, restando, apenas, uma inteligência diminuta e incapacitada. Logo, fica manifesto para Sêneca que o suicídio seria aceitável quando a velhice deixasse a existência em lamentáveis condições, pois haveria privação de tudo o que valia a pena viver, ou seja, o bem moral. Seria preferível sacrificar a vida que desvirtuar a moralidade.

Outro ponto a ser destacado é que Sêneca não aceitava como honroso o suicídio para acabar com os sofrimentos, pois tal ato seria uma declaração de derrota, de covardia. De acordo com Leoni, esse pensamento senequiano poderia ser exemplificado no caso de uma pessoa com uma doença incurável, cuja enfermidade não tivesse retirado a sua razão e o suicídio tivesse, somente, a finalidade de amenizar a dor física e do sofrimento. Em face disso, Sêneca afirmava que tal feito também seria ilegítimo quando fosse para fugir das dores, do sofrimento ou, até mesmo, por um ato de desespero. Sêneca desenvolve essa ideia:

*Morbum morte non fugiam, dumtaxat sanabilem nec officientem animo. Non adferam mihi manus propter dolorem; sic mori vinci est. Hunc tamen si sciero perpetuo mihi esse patiendum, exhibo, non propter ipsum, sed quia impedimento mihi futurus est ad omne, propter quod vivitur. Inbecillus est et ignavus, qui propter dolorem moritur, stultus, qui doloris causa vivit.*

Não escaparei a doença pela morte, desde que curável e não prejudicial para a alma. Nunca erguerei a mão contra mim para evitar a dor; morrer assim é ser derrotado. Todavia, se esta *doença* decidir ser perpétua para eu sofrer, saio, não por causa própria, mas porque o futuro será impedimento para mim a tudo por que se vive. São imbecis e ignorantes, que por causa da dor é morto, estúpido aquele que vive para suportar a dor. (*Ep.* LVIII, 36).

Sufrimento, de acordo com Sêneca, nada mais é do que a não satisfação de um desejo da vontade, ao passo que a felicidade, o bem-estar, é a satisfação de um fim visado pela vontade. Logo, o ser humano não tem como escapar do sofrimento, pois como sua essência se deixa reduzir a um constante querer, e este por sua vez jamais é reduzido completamente, viveria em constante amargura. Nesta situação, segundo o pensador estoico, o suicídio não seria considerado uma atitude virtuosa, mas uma atitude de covardia e de derrota, pois a motivação seria equivocada (1957, p.122).

Analisando a carta LXX percebemos que Sêneca disserta sobre a duração e a qualidade da vida e em que medida uma deveria ser priorizada em detrimento da outra. Como se pode bem perceber no discurso estoico, de nada valeria uma vida que não fosse digna de ser vivida: “Pois não é bom viver, mas viver bem” (*Non enim vivere bonum est, sed bene vivere. - Ep. LXX,4*). Assim, o homem examinaria como viveria melhor, sem fugir da morte, pois não a temia e, por não a temer, não hesitaria em considerar sua própria morte, fosse por recebê-la ou gerá-la por si mesmo. Então, o sábio deveria prolongar sua vida dentro do que era devido, e não do que era possível. Viver além do adequado não tinha sentido para um estoico, pois estaria desvinculado da virtude que, no caso, seria viver com dignidade. O tempo transcorrido seria definitivamente irrelevante, pois o importante mesmo seria como foi a qualidade deste tempo transcorrido: “Morrer mais cedo ou mais tarde não vem ao caso; morrer bem ou mal pertence a um feito notável. No entanto, morrer bem é escapar de viver mal” (*citius mori aut tardius ad rem non pertinet, bene mori aut male ad rem pertinent. Bene autem mori est effugere male vivendi periculum - Ep. LXX, 6*). O mais importante seria a qualidade da vida, e não a sua duração e, então, Sêneca compara que a vida seria como o teatro: não interessava a duração da peça, mas a qualidade da representação. Em que ponto iria parar, seria uma questão sem a menor importância. Poderia parar onde quisesse, mas seria necessário que desse um final condigno à vida (LOHNER, 2014, p. 328). Para ele, uma vida longínqua, mas infrutífera e sem sentido para os familiares, os amigos, a sociedade e até mesmo para a humanidade, seria algo sem dignidade, e, por isso, não merecia ser vivida. Possuindo o corpo um valor pouco considerável, para Sêneca nada mais normal do que, quando aquele causasse incômodo, ou para que se mantivesse a própria dignidade, desfizesse dele de maneira voluntária. A vida, como expressão de grandeza, deveria ser vivida até o momento em que se apresentasse como algo mais difícil de aceitar do que a própria morte (LEONI 1957, p.102).

Segundo Veyne, Sêneca afirma na carta LXX que antecipar-se ao suicídio seria ceder à agonia. Uma alternativa a isso seria esperar pelo carrasco com tranquilidade. Afirma

que tal atitude seria questão de simples gosto pessoal e que a opinião pública não deveria intrometer-se (1995, p. 178). Ao homem caberia tomar essa decisão, independentemente de esse ato ser aprovado ou não pelos demais. Diz Sêneca: “Esteja atento a uma coisa: arranque o mais rápido do destino. Caso contrário, haverá quem pense mal do teu ato” (*Hoc unum intueri, ut te fortunae quam celerrime eripias; alioquin aderunt, qui de facto tuo male existiment.* - Ep. LXX, 13). Destarte, era pessoal a forma de executar esse ato. Nisso também residia o valor do homem: escolher a saída mais propícia para deixar esta vida. Ainda nesta carta, Sêneca ressalta que toda a humanidade fruía de somente uma porta de entrada nesta vida, o nascimento único e personalíssimo, mas a lei eterna nos concedeu “múltiplas saídas”. Este seria um assunto pessoal e, portanto, o parecer de outrem seria completamente irrelevante. Assim, o homem de valor seria aquele que não só exigia de si o suicídio como ainda encontrava a forma mais viável de o realizar. Tem-se aqui evidenciada a permissão individual no abreviar ou não a vida e, junto a ela, em um passo seguinte, a reflexão sobre possíveis saídas que se poderiam tomar. Nisso, também, estava o valor do homem sábio: escolher o meio mais apropriado para deixar esta vida: “Grande homem de valor é aquele, que não apenas ordenou a morte para si mesmo, mas a encontrou” (*Ille vir magnus est, qui mortem sibi non tantum imperavi, sed invenit.* - Ep, LXX, 25). E dá continuação a este pensamento:

*Cui permittit necessitas sua, circumspicit exitum mollem: cui ad manum plura sunt, per quae sese adserat. is dilectum agat et qua potissimum liberetur. consideret: cui difficilis occasio est, is proximam quamque pro optima arripiat, sit licet inaudita, sit nova. Non deerit ad mortem ingenium, cui non defuerit animus.*

Quando sua necessidade permite eleger uma saída apazível, quando à mão existem muitas saídas, pela qual se participou dela como honra e que, principalmente, fosse liberto, respeite! Quando está em situação de desespero agarra como melhor o meio que está mais ao alcance, embora seja avaliado desconhecido, seja novo. A morte não deixará de cumprir os deveres, desde que não falte imaginação, nem ânimo. (Ep. LXX, 24).

Então, a fim de auxiliá-lo nessa incumbência de escolher o melhor meio de suicidar-se, a razão poderia ajudar na procura da saída mais viável:

*Quod animi perditum quodque noxiosum habent, non habebunt illi, quos adversus hos casus instruxit longa meditatio et magistra rerum omnium ratio: Illa nos docet fati varios esse accessus, finem eundem, nihil autem interesse, unde incipiat quod venit.*

*Eadem illa ratio monet, ut, si licet, moriaris quemadmodum placet; si minus, quemadmodum potes, et quicquid obvenerit ad vim adferendam tibi invadas. Iniuriosum est rapto vivere, at contra pulcherrimum mori rapto. VALE.*

O que as mentes perdidas e prejudiciais têm, aqueles não terão; ao contrário, quem prolonga a meditação e ensina a razão de todas as coisas contra esses infortúnios? Ela (*a razão*) nos ensina que vários são os caminhos do destino, no entanto, o fim nada difere, de onde começa o que vem. Aquela mesma razão aconselha como serás morto do modo que te agrada; se não, do modo que podes, e aproveite qualquer forma que havendo de ser provocado te deparares. Injusto é viver arrastado, mas, ao contrário, morrer arrastado é belo. Passa bem! (Ep. LXX, 27).

Para Sêneca, tais informações incutiam no ser humano a necessidade de ser consciente de suas atitudes, visto que seria feliz, ou não, devido as suas escolhas e decisões pessoais. De todo modo, ressalta-se que se tratava de um ato voluntário, totalmente racional e que somente seria justificado se estivesse de posse dessa capacidade de julgar adequadamente sem que nenhum outro tipo de apelo, especialmente de fundo emocional, entrasse em cena. Saber julgar bem, a fim de que se pudesse aperfeiçoar o sentido do viver e do morrer, seria uma tarefa majestosa, incontestável e que precisava ser muito bem cuidada, de modo que o ato supremo, a escolha pela saída da vida em um determinado momento sob certas circunstâncias, fosse sempre um ato absolutamente racional e não algo impulsivo.

Lohner relata que para os estoicos a morte voluntária não era vista como uma impulsividade e um ato irracional, mas sim, como uma decisão racional que convinha ao homem ideal, em circunstâncias nas quais não seria possível viver uma vida feliz de acordo com a Natureza. Assim sendo, era conveniente ao sábio, em um ato de liberdade, afastar-se da vida e, diante da infelicidade, caberia usar de discernimento usando primeiramente a razão e, só então, tomaria a sua própria decisão: viver ou morrer (2014, p. 334). Sêneca assegura que:

*Hoc est unum, cur de vita non possimus queri: neminem tenet. Bono loco res humanae sunt, quod nemo nisi vitio suo miser est. Placet; vive. Non placet; licet eo reverti, unde venisti.*

Aqui está uma razão pela qual não podemos queixar da vida: ela não segura ninguém. A realidade do homem é boa porque ninguém é desgraçado senão por sua culpa. Agrada? Viva! Não agrada? Retorne donde vieste!” (Ep. LXX,15).

Neste caso, optar pela morte seria a suma liberdade, pois o pensamento senequiano

dava grande importância a esta, colocando-a acima da própria vida. Para Sêneca, a liberdade valorizava o ser humano, tornando-o dono dos seus atos, independente, plenamente livre. Logo, a morte voluntária não poderia ser vista como um capricho, mas como um ato de liberdade moralmente intrépido. O homem teria “a liberdade de se retirar” (*libertatem recedendi*). Essa liberdade de cada um na decisão da morte deveria ser conservada, pois Sêneca ajuizava que esta liberdade valorizava o ser humano, tornando-o possuidor dos seus atos plenamente livres. Mas, apesar de considerar o tema do suicídio como uma afirmação de liberdade pessoal, como um ato de coragem e valentia, Sêneca não deixava de considerar, também, que a morte promovia muitas dores ao homem, devido a sua sensibilidade afetiva, o que também era dignamente moral.

Segundo Veyne, essa liberdade proposta por Sêneca não aludia à liberdade resguardada pelo direito público, mas à liberdade como dádiva do direito natural, isto é, da autonomia advinda do interior, libertadora do medo da morte, da pobreza, dos vícios e de tudo o que se origina dos desejos do corpo (1995, p. 192). Depreende-se que, para Sêneca, o suicídio seria uma declaração da liberdade pessoal, uma forma de o homem sentir-se vencedor frente ao destino, de burlar a sorte, quando esta se lhe apresentasse traiçoeira. Um exemplo apresentado por Sêneca é o de Germano, o qual, para não se abdicar à morte em combate com as feras, retirou-se para satisfazer o corpo; “então a madeira para limpar as imundícies foi colocada uma esponja, enfiou tudo na garganta, e quando a garganta foi cortada, expulsou a respiração. Isto foi fazer um insulto de morte” (*ibi lignum id, quod ad emundanda obscena adhaerente spongia positum est, totum in gulam farsit et interclusis faucibus spiritum elisit. Hoc fuit morti contumeliam facere.* - *Ep. LXX, 20*). Seneca ressalta a coragem desse homem e sua vontade, pois sem praticamente qualquer recurso faz uso de uma “arma” inesperada e tem resultado. Ele afirma que “a morte imunda deve ser preferida à servidão limpa”! (*Praeferendam esse spurcissimam mortem servituti mundissimae* - *Ep. LXX, 21*). Tal exemplo demonstra a morte como a saída libertadora, bastando um pouco de criatividade e vontade para alcançar êxito no intento. Para Sêneca, os que se opunham a este tipo de pensamento deveriam ser considerados inimigos da liberdade, e recomendou, referindo-se ao exemplo dos gregos: “junta-te a Sócrates ou a Zenão: o primeiro ensinar-te-á a morrer quando a necessidade o impuser, o segundo a fazê-lo antes que a necessidade o imponha” (CAMPOS, 1991, p. 576).

No sentido de ratificar sua postura, no trecho supracitado Sêneca expõe que não foram apenas homens ilustres que a enfrentaram com coragem e que romperam as barreiras da servidão, mas também pessoas de baixa condição buscaram na morte um porto seguro,

que deveria ser alcançado por todos os homens impetuosos. Diz Sêneca:

*Non est quod existimes magnis tantum viris hoc robur fuisse, quo servitutis humanae claustra perrumperent; [...] Vilissimae sortis homines ingenti impetu in tutum evaserunt, cumque e commodo mori non licuisset nec ad arbitrium suum instrumenta mortis eligere, obvia quaeque rapuerunt et quae natura non erant noxia, vi sua tela fecerunt.*

Não há razão para que penses que esta força fosse apenas de grandes homens que puderam romper as barreiras da escravidão humana [...]. Homens de baixo valor que em um ímpeto de coragem alcançaram o porto seguro: uma vez impedidos por quaisquer circunstâncias de morrer, nem escolher livremente o instrumento da morte, vão ao encontro e, pela coragem, fizeram seus meios que por natureza não eram prejudiciais. (*Ep.* LXX,19).

Este porto seguro nunca deveria ser evitado, por se tratar de uma forma de liberdade que desprendia a mente do corpo e de quaisquer acontecimentos externos. A morte, fosse a natural ou a provocada, seria a libertação de todo mal. Todavia, mesmo optando pelo suicídio, em meio a essa atitude de ousadia, Sêneca levava em consideração a dor que o homem poderia sentir nesse processo de lidar com a morte, e era na guerra pela superação dessa dor que o homem deveria senti-la. Nota-se que Sêneca não era resistente ao pensamento de buscar a morte valendo-se das circunstâncias disponíveis, pelo contrário, sustenta um apreço por quem tem a coragem de ir ao encontro da morte e de executar tal ato. Segundo ele, o processo formativo só seria possível com o esforço pessoal de cada um nesse empreendimento.

O historiador James Ker ressalta que o suicídio de cunho político era uma questão bem peculiar sobre os praticados naquela época: do ponto de vista da vítima era uma forma de alcançar a glória sem que essa glória viesse, por exemplo, das batalhas. Tal morte voluntária, entretanto, não estaria precedida, essencialmente, de nenhuma passagem ou ação ímpar, nem vinculada a algum país (2009, p.254). Neste contexto, Sêneca afirmava que o suicídio era aclamado como um ato heroico, em que se atribuía ao agente desse ato, por seu feito, um lugar de destaque na comunidade e que, na maioria das vezes, tinha uma motivação relacionada a algo em prol da coletividade. Desta forma, tal ato era tolerado e até mesmo respeitado. Ele menciona o exemplo de Catão<sup>20</sup> que, para se livrar do despotismo de César, abriu com as próprias mãos a ferida que o punhal deixou estreita, suicidando-se em prol da própria República. Por isso, segundo Ker, Sêneca alegava um invento político a este

---

<sup>20</sup> Marcus Porcius Cato Uticensis, também conhecido como Catão, o Jovem.

suicídio.

### 3.3. O tempo e a morte: (Cartas LIV e XCIII)

Nas cartas LIV e XCIII Sêneca faz reflexões sobre a morte com a ideia de tempo. Ele sofria de asma, enfermidade que o ajudou a se preparar para a morte. Explanou o pensador estoico:

*[...] nullum mihi videtur molestius. Quidni? Aliud enim quicquid est, aegrotare est, hoc animam egerere. Itaque medici hanc "meditationem mortis" vocant. Faciet enim aliquando spiritus ille, quod saepe conatus est.*

[...] nada parece ser doloroso pra mim. Por que não? Pois, de qualquer maneira, estou doente e estou necessitado de respiração. Assim, os médicos chamam isso de "meditação da morte". Certamente, o suspiro vai fazer isso algum dia, o que muitas vezes tem sido tentado. (*Ep.* LIV, 1, 2).

Neste trecho da carta LIV podemos observar que, além desta prontidão para este momento, a meditação sobre a morte o fazia pensar em uma singularidade temporal, ou seja, o homem morria somente uma vez. Poder-se-ia até estar preparado para este momento, mas sua vinda seria final. Para Sêneca, a vida seria um período intermediário, em que pode ocorrer sofrimento, até a chegada da morte. Mas e antes de viver? Ele afirma:

*" Quid hoc est? " inquam. " Tam saepe mors experitur me? Faciat; ego illam diu expertus sum. " Quando? " inquis. Antequam nascerer. Mors est non esse; id quale sit, iam scio. Hoc erit post me, quod ante me fuit. Si quid in hac re tormenti est, necesse est et fuisse, antequam prodiremus in lucem; atqui nullam sensimus tunc vexationem. [...] Nos quoque et extinguimur et accendimur [...].*

“Que se passa? Digo eu. “Para que a morte me põe à prova tantas vezes? Faça! Eu já sou provado desde muito tempo”. “Em que época?” diz. Antes de nascer. A morte é o “não ser”; este tal como é já conheço: o “depois de mim” será idêntico ao “antes de mim”. Se “não ser” implica sofrimento, então necessariamente nós sofremos antes de entrarmos na luz; na verdade naquele momento não sentimos sofrimento. [...] somos apagados, tal qual como somos acesos! (*Ep.* LIV,4,5)

Logo, podemos perceber que Sêneca defende uma existência anterior e posterior ao que denominamos vida. Assegura, então, que a morte tanto é o período de tempo que nos precedeu quanto o que nos seguirá. Enquanto se vive, não se conhece o não ser, que é a única ameaça que a morte representa; de mais, a morte é apenas o fim de todos os

inconvenientes da existência. Destarte, se ela é o fenecimento de todos esses infortúnios, devemos aceitá-la com satisfação.

Ainda com relação à preparação para a morte, Sêneca na carta XCIII fez uma outra elucubração que envolvia o tempo e aludia que, para quem atingisse a perfeição moral, um instante não diferiria da eternidade. Recomendava que a transição do tempo deveria ser conquistada pela busca de um presente ideal, onde a sabedoria estivesse ligada às circunstâncias. Destacava que era o tempo presente, pensado como um dia individual, que se deveria valorizar ao máximo, pois o tempo passado era certo, mas a incerteza que ameaçava o presente e o futuro, não tinha domínio sobre o passado. O passado, nesse sentido, tinha a capacidade de ser uma fonte de certa felicidade. Para tanto, dever-se-ia permitir desfrutar de sua lembrança. Ele ressalta que a consideração do passado serviria para remover a dor do luto, pois assim o enlutado desfrutaria da lembrança da presença, em vez de se perder na dor da ausência (MANJARRÉS, 2001, p.147).

Segundo Sêneca, estar preparado para morrer exigia um planejamento no momento presente que inclui a falta de preocupação em prolongar a vida, já que a morte é algo inexorável. Baseado nesta reflexão concernente ao tempo, Sêneca comenta:

*Quaeris quod sit amplissimum vitae spatium? Usque ad sapientiam vivere. Qui ad illam pervenit, attingit non longissimum finem, sed maximum. Ille vero gloriatur audacter et dis agat gratias interque eos sibi, et rerum naturae inputet, quod fuit.*

Perguntas qual seja a duração máxima da vida? O tempo necessário para viver até a sabedoria. Quem chegou até ela, nunca atingiu o longínquo fim, mas o mais importante. Aquele, com certeza, se vangloria corajosamente, dá graças aos deuses e, entre estes, a si mesmo e imputa à natureza das coisas o que *ele* foi. (*Ep*, XCIII,8).

Nessas duas cartas, LIV e XCIII, observa-se o pensamento de que temos uma passagem muito breve por esta vida: chegamos, ficamos o suficiente para buscar a sabedoria e partimos. E, então, Sêneca conclui advertindo sobre a proximidade e a universalidade da morte. Ele diz:

*Mors per omnes it; qui occidit, consequitur occisum. Minimum est, de quo sollicitissime agitur. Quid autem ad rem pertinet, quam diu vites, quod evitare non possis?*

A morte passa por todos; quem perece persegue a morte. É uma ínfima fração de *tempo* de quem é impelido pela preocupação. No entanto a quem pertence o fato, que durante muito tempo escapas o que não possas evitar?

(*Ep.* XCIII, 12).

Ressalta, então, que a morte é democrata e não oferece laurel a quem a pretere. Sêneca assegura que independentemente da posição ou vontade, todos chegariam ao momento do fim da vida. Seria esta certeza absoluta que tornaria o tempo tão precioso, tão instável. Segundo ele, somente trazendo à memória a iminência da morte, todos seriam incitados a utilizar seu tempo de forma ideal. Para tanto, o pensamento da morte deveria ser a contínua companhia daquele que quer viver cada dia como se fosse o último e, então, desfrutar todo o tempo de vida plenamente.

### 3.4. A doença e o medo da morte: (Cartas XXX e LXXVIII)

Nas cartas XXX e LXXVIII, Sêneca abordou dois assuntos concernentes ao tema: a doença e o medo da morte.

Inicialmente, analisaremos a carta XXX, onde o mestre escreve ao seu pupilo Lucílio sobre a situação terminal de um amigo chamado Aufídio Basso<sup>21</sup>. Diferentemente do que se poderia esperar, sua luta contra a idade demonstrava um espírito cheio de vida e um ânimo forte, conseguindo manter a alegria, mesmo com a morte diante dos olhos. No entendimento senequiano essa forma de encarar a morte refletia o posicionamento estoico diante da própria morte. A aceitação plena dessa realidade humana definitiva passava pela virtude. Por isso, uma das características do homem sábio era sua capacidade de enfrentar a morte e saber morrer com dignidade, como afirma: “Mas aquela (*morte*), que está por vir em um futuro próximo, deseja uma firmeza da alma, que é rara e só pode estar à disposição do sábio” (*At illa, quae in propinquo est utique ventura, desiderat lentam animi firmitatem, quae est rarior nec potest nisi a sapiente praestari.* - *Ep.* XXX, 8). Sobre o homem que não temia a morte ninguém exercia domínio, e essa força que o homem possuía era a virtude, e o caminho para alcançar a virtude carecia de luta e de coragem. Sêneca adverte a Lucílio que essa atitude não deveria ser confundida com insensibilidade, pois a atitude como a de Basso exigia um nível de entendimento muito grande, muita dedicação e grande esforço que exigiam bastante tempo. Este posicionamento seria a busca por uma moral preventiva.

O pensador ressaltava que, muitas vezes, a morte chegava até o homem de forma que, a este, não restava esperança e qualquer possibilidade de receber auxílio de alguém. Assim sendo, a morte não deveria causar perturbação ou medo e se, porventura isto

---

<sup>21</sup> Foi um historiador romano que viveu no reinado de Tibério.

acontecesse, seria por causa dos receios do próprio enfermo e não da morte em si. Na morte, segundo Sêneca, não existia nada que pudesse nos causar sofrimento, muito menos depois dela, pois a morte não seria um mal e, por isso, não poderia ser temida como tal. De acordo com o pensamento, a iminência inexorável da morte elevava o homem a um estágio de conflito que lhe aferia um estado de destemor para com a morte. É como se o acolhimento da morte minimizasse seus efeitos aterrorizantes.

A Lucílio, Sêneca assevera que não querer morrer seria o mesmo que não ter querido viver, pois a vida nos fora dada juntamente com a morte, e esta, como o fim para o qual caminhamos, e ainda, “a morte tem a necessidade idêntica e inexorável: quem pode se queixar se está naquela condição; não há ninguém? Ora, o primeiro elemento da equidade é a igualdade” (*Mors necessitatem habet aequam et invictam. Quis queri potest in ea condicione se esse, in qua nemo non est? Prima autem pars est aequitatis aequalitas. - Ep. XXX, 11*). Corroborava que, além de esperada e necessária, a morte não fazia distinção e atingia a todos implacavelmente, pois “é supérfluo defender neste momento a causa da Natureza, que queria que nossa lei não fosse outra senão a sua própria; tudo o que compôs, resolve, e tudo o que resolve, compõe novamente” (*Nunc supervacuum est naturae causam agere, quae non aliam voluit legem nostram esse quam suam; quicquid composuit, resolvit, et quicquid resolvit, componit iterum. - Ep. XXX, 11*). O entendimento da morte como uma das incumbências do homem para com a Natureza auxiliava na ampliação do conhecimento sobre essa realidade determinante, de modo que, pela lei da natureza, tudo que ela ofereceu ao homem, este deveria lhe devolver (MANJARRÉS, 2001, p.152). A morte fazia parte da Natureza e, portanto, não poderia ser considerada ruim, pois levava a um entendimento de que quem se preparava para a chegada da morte teria condições de aceitá-la com júbilo e, ao aceitá-la como um legado comum à humanidade, decorrência natural do nascimento, apontava reflexões a todos que se sentiam temerosos por sua presença. Assim, Sêneca procurava direcionar e oferecer subsídios a Lucílio e todos aqueles que se afligiam diante dessa realidade inevitável.

Para Sêneca, os motivos dos medos eram distintos: uns eram legítimos, outros superficiais. O próprio medo de pensar na morte era um medo superficial. Não se tratava do medo da coisa em si, mas era resultado do pensamento sobre ela. Contudo, segundo ele, não existia outra forma de distinguir o medo da coisa em si a não ser através da reflexão, pois somente através desta se era capaz de discernir os medos superficiais dos medos legítimos. Assim, a orientação que faz a seu pupilo quando do término da carta é de que Lucílio prossiga sempre refletindo sobre morte para que não venha temê-la jamais (LEONI, 1957,

p.178).

Na carta LXXVIII, Sêneca estabelece uma relação entre a morte e a doença. Para ele, a doença deveria ser aceita, e tal aceitação em si já servia de medicamento para combatê-la. Explana que “consolações honrosas acabam por tornar-se medicamentos, e tudo que anima a alma também é útil para o corpo” (*In remedium cedunt honesta solacia, et quicquid animum erexit, etiam corpori prodest.* - *Ep.* LXXVIII, 3). Nota-se, então, uma relação inseparável e indivisível entre corpo e alma, características peculiares do pensamento estoico. Na busca de atitudes para se ter uma vida saudável chegava-se ao mais importante medicamento, que servia não somente para a cura da doença, mas para a vida: desprezar a morte. Para Sêneca “nada é triste quando nos libertamos deste medo” (*Nihil triste est, cum huius metum effugimus.* - *Ep.* LXXVIII, 5). Assim, o medicamento contra toda insegurança diante da morte era não temê-la, pois a aceitação diante da morte poderia transformá-la, de terror, em uma realidade indiferente, e nisto residia a grande libertação do homem daquilo que o aprisionava.

Fazendo uma relação entre medo da morte e a doença, Sêneca explicava que existiam três coisas importantes que deveriam ser levadas em conta: “medo da morte, dor no corpo e interrupção dos prazeres” (*metus mortis, dolor corporis, intermissio voluptatum.* - *Ep.* LXXVIII, 6). Os dois últimos eram decorrentes da doença propriamente dita, mas o medo de morrer não era resultado da doença e sim da natureza humana:

*[...] De morte satis dictum est; hoc unum dicam, non morbi hunc esse sed naturae metum. Multorum mortem distulit morbus et saluti illis fuit videri perire. Morieris, non quia aegrotas, sed quia vivis. Ista te res et sanatum manet; cum convalueris, non mortem, sed valetudinem effugies.*

[...] Muito foi dito sobre a morte; então uma só coisa direi, este medo não é da doença, mas da Natureza. A doença levou à morte de muitos, e foi para ele parecer perecer a saúde. Morrerás, não porque estás doente, mas porque vives. Essa coisa permanece em ti e o que torna são; quando recuperares, não escaparás da morte, mas da saúde. (*Ep.* LXXVIII, 6).

Dito isto, cabe-nos ressaltar que, além dos medos particulares, existiam também os medos "comuns", de que todos partilhamos: medo de morrer ou de ficar doentes. Estes são medos ligados à natureza humana e inerente ao processo de desenvolvimento do homem. Aparece na infância, a partir das primeiras experiências de perda e tem várias facetas: trata-se de um medo do desconhecido, da doença somado ao medo da própria extinção, da ruptura da teia afetiva, da solidão e do sofrimento. Todavia, Sêneca advertiu a Lucílio que esses

medos ligados à natureza humana alimentariam os instintos destrutivos e as atitudes de autossabotagem, por exemplo. Mas, ressalta que a partir da conciliação dessas forças contraditórias, surgiria o equilíbrio e o vigor emocional necessários para viver bem, e que para viver bem, sem o terror e o tormento da ideia do fim, era preciso cultivar um certo desapego em relação à vida.

Mesmo não conferindo muita importância ao corpo, Sêneca o considerava como um mal necessário que serviria para a hospedagem da alma e, por isso, havia preocupação em cuidar da saúde desse corpo, mesmo desconsiderado, pois a alma dependia dele:

*Hoc itaque solacium vasti doloris est, quod necesse est desinas illum sentire, si nimis senseris. Illud autem est, quod imperitos in vexatione corporis male habet: non adsueverunt animo esse contenti. Multum illis cum corpore fuit. Ideo vir magnus ac prudens animum diducit a corpore et multum cum meliore ac divina parte versatur, cum hac querula et fragili quantum necesse est.*

Este, então, é o conforto de grande dor: que é necessário que pares de sentir, se demasiadamente sentes. Mas isso é que ignorantes guardam os maus tremores do corpo! Não acostumam a contentar-se com a alma. Aqueles, frequentemente, junto ao corpo que foi. Por este motivo, o homem de alma grande e sábia separa o corpo e muito lida com a parte melhor e divina, a este queixoso e frágil, o tanto quanto necessário é (*Ep. LXXVIII, 10*).

Segundo esse pensamento senequiano, as pessoas inexperientes viam-se em grandes dificuldades para superar as dores físicas precisamente porque não se acostumavam a contentar-se com a vida da alma e davam, portanto, ao corpo uma grande importância. Por isso mesmo, o homem entregue de coração à sabedoria separava a alma do corpo e ocupava-se mais da primeira - a sua parte melhor, de natureza divina, e apenas dava ao corpo - frágil e sempre queixoso! - os cuidados estritamente indispensáveis. Todavia, Sêneca ressaltava a importância do homem em lutar e de encontrar em si recursos para se combater a dor: “Ele (*o homem*) lute com a alma; se ceder à dor será vencido; vence se contra *ela* aumentar a sua dor” (*Toto contra ille pugnet animo; vincetur, si cesserit, vincet, si se contra dolorem suum intenderit. - Ep, LXXVIII, 15*). O medo se alojava na alma doente e podia paralisar determinadas reações do homem, impedindo a razão de encontrar a cura necessária para as suas dores e levando ao desgosto pela própria existência. Para Sêneca, não existia servidão pior e mais vexatória do que a servidão voluntária e, neste caso, o medo da dor. O homem, em sua materialidade, poderia ser submetido a dor física, mas a sua alma, pelas virtualidades que encerrava, não poderia ficar cativa a essa prisão.

### 3.5. A dor pela morte de entes queridos (Carta LXIII)

Ao observarmos a maneira como Sêneca expõe a morte em sua obra, destacamos uma em particular, não apenas pela beleza com que as letras ali são utilizadas, mas também pela síntese que consegue fazer em uma de suas cartas sobre seu pensamento alusivo a dor por causa da morte de um ente querido. Trata-se da carta LXIII.

Na carta supracitada, Sêneca tinha como intuito consolar Lucílio por estar sofrendo com o falecimento de um amigo<sup>22</sup>. No primeiro instante, Sêneca demonstrava-se, aparentemente, um pouco descortês com o pupilo, visto que, ao consolá-lo, aconselhava-o a não se apossar do sentimento de tristeza e nostalgia por muito tempo. O próprio Sêneca fazia a advertência, como veremos adiante, que seu conselho era uma tentativa de despertar no amigo a visão estoica da morte.

A simplicidade de como Sêneca enxergava a morte poderia, inicialmente, fazer-nos acreditar que ele não possuía sentimentos de compaixão e empatia. Todavia, ao nos aprofundarmos nesta carta, percebemos que Sêneca afirmava que a perda de um ente querido poderia sim nos fazer entristecer, deixando-nos até mesmo inertes, mas, assim como a vida era efêmera, a angústia e a dor pela perda de alguém também o era. Para ele, a tristeza e a dor pela falta permanente de uma pessoa querida, da mesma maneira como vieram ao nosso encontro, do mesmo modo, um dia iriam embora. Para tanto, era necessário se ter sensatez e sabedoria para encarar com virtude e dignidade este enorme percalço humano.

Para Sêneca, a morte de uma pessoa querida acendia a dor em todos nós, entretanto, o homem sábio deveria enfrentar com naturalidade tal questão. Ao pupilo orienta:

*[...] ut non doleas, vix audebo exigere; et esse melius scio. [...] Nec sicci sint oculi amisso amico nec fluant. Lacrimandum est, non plorandum. Duram tibi legem videor ponere, cum poetarum Graecorum maximus ius flendi dederit in unum dumtaxat diem? [...] Per lacrimas argumenta desiderii quaerimus et dolorem non sequimur, sed ostendimus. [...] Non differo in longius tempus, quo desiderium omne mulcet, quo etiam acerrimi luctus residunt [...].*

[...] para que não sofras, dificilmente terei audácia de exigir; além de ter um conhecimento melhor. [...] E não sejam os olhos secos por ter perdido um amigo, nem escorram. É chorar, não prantear! Pareço colocar lei dura para ti, quando o maior dos poetas gregos deu o direito de chorar em apenas um dia [...]. Pela lágrima buscamos argumentos de saudade e não seguimos a dor, mas demonstramos. Nem sequer prevejo que passe muito tempo para que toda essa saudade se dilua, que mesmo o luto de forma intensa acalma.

---

<sup>22</sup> Nomeado na carta como Flaco.

(*Ep.* LXIII, 1-3)

E continua:

*Haec tibi scribo is, qui Annaeum Serenum, carissimum mihi, tam inmodice flevi, ut, quod minime velim, inter exempla sim eorum, quos dolor vicit. Hodie autem factum meum damno et intellego maximam mihi causam sic lugendi fuisse, quod numquam cogitaveram mori eum ante me posse. Hoc unum mihi occurrebat, minorem esse et multo minorem, tamquam ordinem fata servarent [...]. Minor est Serenus meus; quid ad rem pertinet? Post me mori debet, sed ante me potest." Quia non feci, inparatum subito fortuna percussit. Nunc cogita omnia et mortalia esse et incerta lege mortalia.*

Esta para ti escrevo aquilo, que Aneu Sereno<sup>23</sup>, caríssimo para mim, tão desmedidamente chorei, do mesmo modo, que o mínimo disfarce, entre os exemplos daqueles que a dor venceu. Hoje, na verdade, condeno meu ato e compreendo que a principal causa para mim, pura e simplesmente, ter sido estar de luto, que nunca pensara que pudesse morrer antes de mim. Isso é uma coisa que me ocorreu, ser mais novo e muito mais novo, como se o destino fosse manter a ordem [...]. Sereno é mais moço do que eu. O que isso importa? Deveria morrer depois de mim, mas possa antes de mim. Porque não fiz, de repente surpreendido, bateu o destino. Então, considere que todas as coisas são mortais e incerta a lei das coisas mortais. (*Ep.* LXIII, 14, 15)

Assim, o ideal estoico senequiano seria viver com tranquilidade diante de qualquer infortúnio, encarando-o com coragem, equilíbrio e dignidade. Certamente, um destes infortúnios seria o encontro de entes queridos com a morte. Advertir Lucílio a compreender a temporalidade e a finitude da vida tornava-se, para Sêneca, o seu papel maior, em especial para todos aqueles que, como o pupilo, estavam no momento do luto, presos nas lembranças do passado, sem cumprirem suas obrigações no presente e sem perspectiva de futuro. Sêneca, entretanto, ao se colocar como médico da alma daqueles que sofriam pela perda de seus entes queridos, os exortava a transformar suas atitudes e a se libertar do sofrimento causado por esta perda e, assim, aproveitassem o tempo, a vida.

### 3.6. A morte de Sêneca

Nos três últimos anos de sua vida, Sêneca encontrava-se em profunda meditação e se dedicou às *Cartas a Lucílio*, sua derradeira obra, reconhecido como escritor e consciente de que estava sob a tirania e a suspeita de Nero e que tal ventura o acarretaria desditosas consequências, tanto podendo ser o exílio como também em algo que poderia suscitar no

---

<sup>23</sup> Pertencente à ordem equestre, formada pelos cidadãos mais abastados. Aneu Sereno também tinha cargo na administração pública, tendo obtido, por influência de Sêneca, a função de *praefectus*, responsável por combate a incêndios, atividade importante na cidade de Roma. (LOHNER, 2014, p.68).

termo de sua vida. Neste cenário, retirou-se da vida pública e se dedicou ao *otium*, abraçando a política por outra via: disseminar suas ideias e seu testemunho dos episódios que presenciou ou teve ciência, desenvolvendo sua filosofia. As *Cartas a Lucílio* são a obra-prima de Sêneca e este era ciente de tal fato. Sem comedimento assegura ao pupilo Lucílio que, devido a estas mensagens, seus nomes passariam à posteridade:

*Profunda super nos altitudo temporis veniet, pauca ingenia caput exerent et in idem quandoque silentium abitura oblivioni resistent ac se diu vindicabunt. Quod Epicurus amico suo potuit promittere, hoc tibi promitto, Lucili. Habebo apud posteros gratiam, possum mecum duratura nomina educere.*

Além do profundo a grandeza do tempo nos virá. Poucos gênios exibirão o essencial e às vezes no mesmo silêncio, prestes a partir para o esquecimento e reivindicarão durante muito tempo. O que Epicuro poderia prometer a seu amigo, isto prometo para ti, Lucílio. Terei graça junto à posteridade, posso preservar nomes que comigo há de perdurar. (*Ep*, XXI, 5)

Em um tempo em que não se admitia oposição, nem mesmo indiferença, a tirania de Nero<sup>24</sup> acarretaria um total afastamento de Sêneca da vida política. Embora fosse republicano, Sêneca compreendia que tal época não mais retornaria, não havendo o porquê de lutar por uma forma de governo que não existia mais a possibilidade de se restituir. Destarte, Sêneca torna-se secretamente um antineroniano. Abdica da advocacia e de seus clientes, deixa o Fórum e o Senado para viver de forma distinta da que até então havia vivido.

Sêneca, por não mais concordar com a tirania de Nero, procurou, indiretamente, suscitar no entendimento do Imperador que este só seria merecedor de seu respeito caso o libertasse das obrigações para com o Estado e com ele próprio. Ele não era mais um coligado de Nero, todavia demonstrar isso publicamente não era uma opção pessoal, e sim uma escolha da política vigente, onde pensadores como Sêneca eram sempre vistos como pessoas suspeitas. Afinal, o mais ameaçador dos homens não era aquele que detinha a espada, mas o que trazia consigo a magnificência no pensar.

No fim das contas, falar a linguagem artificial da adulação não era menos desonroso do que é para nós a clandestinidade dos oponentes, quando eles fogem da polícia em vez de desafiá-la à luz do dia (VEYNE, 2016, p.111).

---

<sup>24</sup> Não somente Nero, mas o cesarismo em geral não admitia nenhum tipo de indiferença para com os Imperadores. A bajulação e a adoração eram exigências comuns praticadas por todos eles.

Ao assassinar a própria mãe Agripina, Nero traz para si a desconfiança do povo romano, haja vista que todos os súditos passaram a se indagar quais seriam os limites do príncipe romano. Existem diversos relatos contraditórios sobre em que situação se deu a morte de sua progenitora. As palavras de Suetônio dizem:

Depois de três tentativas de envenenamento, e como havia percebido que ela se premunira de antídotos (...) de forma rápida tramou o assassinio da mãe e sustentava a todos que ela havia se suicidado (2005, p. 94).

Na busca de reverter tal circunstância, Nero quis impor no pensamento de seus súditos sujeição à sua divindade e glória. Porém, terrível crise financeira se desabou sobre o Império e o crescimento da oposição ao seu mandado fizeram com que o tirano tornasse ainda mais atroz. A crueldade e o despotismo já não permitiriam que Sêneca tivesse influência no governo neroniano. Abandonando o Fórum, Sêneca procurou não transparecer o foco, aos olhos de Nero, de que seria um homem contrário ao governo. Sua vida agora era manter-se ao lado do déspota ou escolher a liberdade a um preço muitíssimo caro, para percorrer em vida os caminhos da virtude em que cria ser necessário um homem trilhar. Sêneca escolhe a segunda opção, mas utiliza-se de uma estratégia diferente: fazer Nero crer que este não era visto como inimigo.

Contextualizemos a circunstância pela qual passava o estoico pensador: seria possível ir abertamente em desacordo aos desvarios de Nero, imperador com poderes sobre a vida e a morte de qualquer pessoa que tivesse os pés sobre o território de seus domínios? Ora, a Sêneca restava tão somente calar-se ou protestar nas Cartas através de metáforas escritas. Em uma época em que não se opor ao governo não era o suficiente e a opinião própria deveria estar subordinada à vontade do imperador, nada sobrou a Sêneca a não ser censurar o poder constituído através do artifício de suas metáforas do que se passar por adulator.

Ressalta-se que o nome de Nero não é citado em nenhuma das cartas senequianas, todavia, através de cartas artificiosas, Sêneca procurou transpor o fato de que não seria hostil ao imperador. Mas não ser hostil ao imperador não significava aliar-se a ele. Tratava-se, apenas, de fazer uma aliança aparente, uma vez que a fidelidade proposta pelo filósofo seria a um soberano sem nome. Nero tinha a todo instante a necessidade de ser adulado e

citado<sup>25</sup>.

O culto da personalidade ou adulação era isto: ao mesmo tempo uma simples cláusula de cerimonial monárquico e uma obrigação incontornável, sob suspeição de alta traição. Até mesmo os oponentes estoicos mais orgulhosos não podiam tomar a palavra senão recorrendo a este linguajar (VEYNE, 2016, p. 94).

Destarte, Sêneca utilizou como arma antineroniana não citar o nome de Nero nas Cartas.

Torna-se importante dizer que Nero já havia recusado a Sêneca seu afastamento. Relata Veyne que Nero recusou a Sêneca sua aposentadoria como amigo do príncipe, alegando que qualquer um que não estivesse com ele estaria contra ele (2016, p. 97). Destarte, Sêneca fora condenado duas vezes: uma, a permanecer fiel ao imperador; outra, mais adiante, a condenação derradeira. Nero, que não poupou seus mais próximos aliados, parentes e afins, não teria para com Sêneca uma atitude diferente. Condena-o ao suicídio.

Logo, aquele que em sua obra defendeu a ideia de que durante toda a vida dever-se-ia estar preparado para a morte, teria a sua prova contundente. Fora condenado à morte por conspiração ao imperador. Sua postura perante a morte fora conforme apregoara? Segundo o mais famoso relato que temos deste fato, nos deixado pelo historiador Cornélio Tácito<sup>26</sup>, Sêneca encarou a morte com a dignidade que sempre anunciara.

Tácito nos corrobora que Sêneca, informado de que sua condenação era iminente, esperou o oficial de Nero trazer-lhe em casa sua sentença. Quando este chegou, Sêneca solicitou a permissão para que pudesse redigir seu testamento, porém o oficial recusou seu pedido. Diante disto, o pensador estoico assegurou aos companheiros ali presentes que, diante da proibição de testemunharem sua gratidão para com eles, deixaria seu único bem restante, a imagem de sua vida. Seria esta lembrança da imagem de Sêneca vivo, porém diante da morte, sereno e leve, que faria com que estes virtuosamente percebessem a gratidão devotada pelo condenado aos seus próximos e amados. Suetônio<sup>27</sup> nos descreve

---

<sup>25</sup> Nero sonhava irrefletidamente em ter seu nome eternizado e em sua memória perpetuada. Mudou a denominação de várias coisas e de vários lugares, com o propósito de substituí-los por um designativo tirado de seu nome. Designou o mês de abril o mês de Nero. Tinha como projeto substituir o nome de Roma por Nerópolis. (*A Vida dos doze Césares. Nero.*)

<sup>26</sup> Cornélio Tácito foi um senador e historiador romano. As porções sobreviventes de suas duas maiores obras *Anais* e *Histórias* tratam dos governos dos imperadores Tibério, Cláudio e Nero.

<sup>27</sup> Caio Suetônio Tranquilo. Suetônio: (Roma 69 d.C. —141 d.C.) foi um escritor latino. Passou à posteridade devido a obra de sua autoria denominada *A Vida dos Doze Césares*. Nesta, relata, entre outras biografias, a do Imperador Nero. Sêneca, logicamente não poderia deixar de ser citado. Deixamos registrado aqui as três

que, após a condenação, pouquíssimo tempo de vida sobrava aos desventurados. Não havia tempo para pranto nem mesmo para lamentações.

Para todos os condenados à morte, não restava mais que uma hora de existência. E de forma a impedir qualquer retardamento do fim eminente, (Nero) enviava médicos para curar sem demora os hesitantes. Ou seja, para abrir-lhe logo as veias (SUETÔNIO, 2005, p. 98).

Diante da funesta cena, seus amigos, segundo as palavras de Tácito, não seguraram o choro e Sêneca firmemente os admoestou para que mantivessem o decoro. Afinal, sobre o que o Estoicismo os instruíra? Que não deveriam assim se comportar diante daquilo que estava determinado pela Natureza! Não era previsível a atitude de Nero? Então, por que o espanto? Lembrou aos mesmos que o seu algoz tinha dado fim às vidas da mãe e do irmão e por que haveria de poupar seu conselheiro e educador? Nada havia a temer, uma vez que tentou viver de forma virtuosa, e se caso não tivesse atingido este objetivo, ao menos na morte deveria assim se comportar.

Tácito informa que, em seguida, Sêneca afagou sua esposa, a consolou, dirigindo-lhe palavras que demonstrassem que ele se encontrava convicto de sua forma de vida e que apavorar-se no último momento da sua vida não mudaria as letras do livro do destino. Sua esposa Paulina, invadida pela dor da tragédia que se consumaria, pediu que fosse morta pelo fio do punhal. Sêneca, que a amava e a prezava, admoesta para que tivesse ânimo ao transpor tal obstáculo, mas se desejasse realmente pôr fim à própria vida, que assim fizesse, ratificando assim seu pensamento estoico sobre a abreviação da vida: se não houvesse outra saída digna para que se mantivesse o bem moral, tal ato extremo, o suicídio, seria a única saída digna. Sêneca, após oferecer anuência à esposa que com ele colocasse termo à vida, cortou as próprias veias e a da esposa.

Se nos transportarmos à cena relatada pelo historiador Tácito, nos impressionaremos como Sêneca sofreu de modo terrível as dores do seu fim, pois sua morte deu-se lentamente. Devido à idade já longeva e ao estado de saúde precário, seu sofrimento foi potencializado.

---

passagens, todas tiradas do livro referente a Nero, onde Sêneca é lembrado: (1) “(Nero) Foi adotado por Cláudio, aos doze anos e confiado aos cuidados de Lúcio Aneu Sêneca. O que se diz é que Sêneca tinha sonhado na noite antecedente que era preceptor de Caio Cesar Calígula e Nero justificou total e rapidamente este sonho, fornecendo o mais cedo possível os traços de sua Natureza feroz.” Devemos lembrar que Calígula é visto muitas vezes como o mais cruel imperador que Roma já teve, o que explica as palavras de Suetônio quanto as premonições de Sêneca. (2) “Obrigou Sêneca, seu preceptor, a se suicidar, mesmo diante dos seus frequentes pedidos ele tivesse respondido com juramento aos deuses de que ‘suas suspeitas eram vã s e que preferiria morrer a fazer-lhe mal.’ (3) “Seu preceptor, Sêneca, sonou-lhe o conhecimento dos antigos oradores, com o propósito de fixar mais sobre si mesmo a admiração de seu discípulo.

Com o sangue jorrando e temendo que sua esposa fraquejasse diante de prenúncio tão atroz, pediu para que lhe conduzissem a um aposento junto ao lugar onde se desenrolaria a tragédia. Tácito relata que Sêneca ainda teve forças para ditar um longo texto aos seus subalternos. Todavia, o historiador nos expõe que não os transcrevera, já que, à época, este texto fora publicado e era de conhecimento de muitos. Infelizmente, tal publicação não chegou até os nossos dias e, assim, fomos impedidos do privilégio de termos conhecimento das palavras de Sêneca em seus minutos finais.

Ainda descreve Tácito que o Imperador não permitiu que a esposa de Sêneca, Paulina, morresse. Os soldados de Nero estimularam os escravos de Sêneca para que salvassem a sua mulher. O relato nos diz que Paulina ainda viveria alguns anos sem deixar de mostrar em seu semblante as marcas que a ausência do amado lhe conferira.

Tácito descreve que Sêneca, a fim de amortecer seu sofrimento, bebeu veneno, mas o mesmo não fez efeito. Seu corpo já se encontrava inerte e frio, todavia, vivo. Mediante sua solicitação, foi levado à sauna da casa para morrer sufocado pelo vapor. Teve seu corpo cremado, de forma estoica, sem pompas, conforme registrado em seu testamento escrito anteriormente.

O que podemos depreender de tal narração? O próprio Sêneca, na sátira *Divii Claudii Apokolokyntosis*, escreveu: “Quem avaliou alguma vez os juramentos de um historiador?”<sup>28</sup>

Mesmo que Tácito a tenha adornado com uma dramaticidade teatral, afinal, não se tratava de historiador contemporâneo do protagonista e, sabedores somos que quanto maior a distância do narrador para o tempo que o fato narrado se deu, maior a chance de este fugir, mesmo que não intencionalmente, à verdade, devemos admitir que o que chegou a Tácito é a mais pura síntese de uma morte estoica. Sêneca preparou-se em vida para a morte, conforme defendeu em sua vida, e morreu de forma digna, sem conflitos e não vociferou contra o que a Natureza lhe impusera. Afinal, aquilo que pode parecer um mal, aos pareceres do destino, é um bem para todo o Universo. Assim sendo, Sêneca acolheu os ditames determinados pela Natureza como um estoico deveria fazer.

Para outros pesquisadores, tal afirmação parece exagerada, sobretudo no que diz respeito à sua fidelidade ao Estoicismo. Para eles, o que levou Sêneca ao suicídio não foi colocar em prática os preceitos que defendeu durante toda a sua vida, mas suicidou-se por motivações econômicas e políticas para que os seus bens não fossem confiscados pelo

---

<sup>28</sup> Sen. Apoc., I, 2: *Quis unquam ab histórico iuratores exegit?*

Império. O suicídio forçado era uma forma comum de execução na Roma antiga. Como forma de respeito, era geralmente reservada aos membros da aristocracia sentenciados à morte: as vítimas podiam escolher entre beber cicuta ou cair sobre suas espadas. As dificuldades econômicas motivaram parte desses suicídios no Império Romano: uma pessoa condenada à morte teria sua propriedade passada ao governo, mas se viesse a se suicidar antes da prisão, a propriedade passaria aos herdeiros. Schotter escreveu que Sêneca era rico e mundano, e é claro, lendo os seus tratados filosóficos, tais como *A clemência (De clementia)*, que o seu estoicismo não deu a Nero o acesso ao agudo ‘republicanismo’ por vezes associado a membros da seita” (2008, p. 41). Já Cizek defende a seguinte visão sobre o filósofo:

Personalidade brilhante, orador e filósofo célebre, que exerceu uma atração impressionante sobre a opinião pública, Sêneca, graças ao seu sucesso como advogado, reuniu uma grande fortuna nos reinos de Tibério e Calígula e tornou-se um dos maiores proprietários de terra. Suas propriedades foram das maiores do Egito. No reino de Calígula, Sêneca foi considerado uma das personalidades mais sedutoras e Suetônio revelou que ele foi também um orador exemplar e apreciado (CIZEK, 1972, p. 61).

Cizek ressaltou, no trecho citado, um aspecto muito importante e alvo de acusações a respeito de Sêneca: sua condição financeira. Sêneca acusou a corrupção dos costumes, o aumento das riquezas romanas com as conquistas imperiais e a ganância por bens materiais. As notícias sobre sua vida pessoal são de que ele foi um homem demasiadamente rico. Assim, alguns autores denunciam certa incoerência entre seus escritos, seu modo de vida e sobre a sua morte.

Todavia, independente destas comparações, o importante é ressaltar que para o Estoicismo que Sêneca pregava seria necessário que aquele se materializasse no terreno da ação. Não coadunar o seu pensar, os seus escritos, aquilo que advogou e defendeu durante toda vida sem pôr em prática, em ação toda a teoria defendida, era para Sêneca, atroz contradição, onde tal postura não permitiria a ele se denominar um homem estoico. O Estoicismo não se produzia apenas nas letras, mas, antes de tudo, nas páginas cunhadas no livro da vida, onde o exemplo deveria persistir até o momento derradeiro. Parece-nos que Sêneca alcançou, se não em vida, ao menos na morte a máxima de instruir através do exemplo e da ação.

Entendemos que não podíamos concluir este trabalho sem a descrição dos últimos momentos do estoico romano. Para tal, empregaremos a versão narrada em alguns

parágrafos do *Anais* do historiador Tácito. Após, devido à beleza das linhas ali compostas, as transcreveremos em sua íntegra:

Sêneca, sem nenhum temor, pediu tábuas para redigir um testamento e, com a negativa do centurião, voltando-se a seus amigos, disse-lhes que, *dado que estava impedido de gratificar os méritos destes, deixava-lhes um único bem, ainda que fosse o mais belo que lhes podia dar que era a imagem de sua própria vida; da qual, se tivessem memória do que ela tivera de estimável, estariam pagos com a honra de uma amizade tão constante.* Junto a isso, ante as lágrimas deles, já com palavras amorosas, já com severidade à guisa de correção, procurava reconduzi-los à firmeza de ânimo, perguntando-lhes *onde estavam os preceitos de sabedoria, onde a resolução de conduta preparada durante tantos anos para opor-se a qualquer adversidade iminente? Havia alguém que ignorasse a crueldade de Nero? E que estava faltando àquele que ordenara o assassinato da mãe e do irmão senão mandar matar também o que fora seu educador e preceptor?*

Depois de ter feito tais considerações e outras semelhantes a seus amigos todos, ele abraça sua esposa, e um tantinho emocionado em vista dos temores do momento, faz-lhe exortações e pede-lhe *que tratasse de temperar, e não de eternizar, a dor pela perda de um marido, mas que ela a suportasse tomando honesto consolo na contemplação de uma vida dedicada à virtude.* Ela, por seu turno, afirmando que também tinha tomado a resolução de morrer então, pede com grande instância a mão de um matador. Com isso, Sêneca, não querendo impedir-lhe a glória e ao mesmo tempo amando-a com ternura, para não abandonar a mulher que fora tão cara a si e só a si às injúrias, diz-lhe: *“Eu te havia indicado os conselhos de que tinhas necessidade para levar a vida adiante, mas vejo que escolhes a glória da morte. Não penso mostrar que te tenho inveja ao exemplo que hás de dar de ti, nem te estorvar essa honra. Seja igual em nós dois a constância de nosso generoso fim, ainda que seja certo que o teu será mais resplendente”.* Depois disso, cortaram-se ao mesmo tempo as veias dos braços pelo mesmo ferro. Sêneca, que tinha o corpo muito velho e enfraquecido por larga abstinência, a ponto de fazer derramar sangue muito lentamente, cortou também as veias das pernas e dos tornozelos. E extenuado pela crueldade daqueles tormentos, para não afetar com as mostras de sua dor o ânimo da esposa e para ele mesmo não cair em fraqueza vendo o que ela padecia, persuade-a a que se retire a outro aposento. E servindo-se de sua eloquência até aquele último momento de sua vida, chamando quem escrevesse, ditou muitas coisas que, por terem ficado no vulgo com as mesmas palavras, deixarei de registrar.

Nero, porém, sem nutrir contra Paulina nenhum ódio pessoal e temendo que sua crueldade se tornasse odiosa demais, ordenou que a impedissem de morrer. Sob os rogos dos soldados, seus escravos e libertos pensaram-lhes as feridas dos braços e estancaram-lhe o sangue. Ignora-se se isso foi contra a vontade de Paulina; pois no vulgo, inclinado às piores interpretações, não faltou quem acreditasse que ela tinha procurado partilhar da honra da morte de seu marido enquanto suspeitou que Nero fosse implacável, mas que, depois, quando uma esperança mais doce lhe tinha sido oferecida, ela acabou vencida pelas branduras da vida. Viveu ela ainda alguns anos, fiel à memória de seu esposo, conservando uma palidez extrema que mostrava quanto de sua força vital se lhe tinha esvaído. Entretanto Sêneca, vendo o sangue verter-se com tanta dificuldade e a morte vir tão devagar, solicitou a Estácio Aneu, em quem sabia por experiência ser dotado de uma amizade

fiel e da arte da medicina, que lhe trouxesse um veneno já preparado de antemão: o mesmo que se dava aos condenados por julgamento público em Atenas. Sêneca tomou-o, mas foi em vão: seus membros já estavam frios, e o corpo não podia dar livre curso ao efeito do veneno. Enfim, ele entrou em uma banheira de água quente e aspergindo os escravos que lhe estavam mais próximos, acrescentou: “Ofereço esta libação a Júpiter Liberador”. Em seguida foi levado a um aposento de estufa, onde o vapor o sufocou. Seu corpo foi cremado sem pompa solene, como antes o ordenara em seu testamento, enquanto, ainda muito rico e muito poderoso, pensava no que se faria em seus momentos derradeiros (*Anais*, XV, 62-64).

Registremos aqui que os *Anais* de Tácito, de onde retiramos e transcrevemos a passagem acima, são sua última obra, escrita aproximadamente cinquenta anos após a morte de Sêneca. Tácito era um historiador que narrava os acontecimentos políticos dos imperadores Tibério, Calígula, Claudio, Nero e dos quatro imperadores<sup>29</sup>. Diferentemente de Sêneca, Tácito era um homem que repugnava a política de Nero de forma explícita, algo que podia fazer sem temor, pois o imperador tirano já havia morrido e com ele o fim da dinastia júlio-claudiana. Logo, é possível que sua descrição sobre as últimas horas de Sêneca não tenha sido de forma isenta como orienta os princípios de uma boa narrativa histórica.

Entretanto, vemos em outros escritos de Tácito uma severa crítica às atitudes do imperador, ao ponto de nomeá-lo como cruel e no relato acima a descrição da morte de Sêneca como algo digno de admiração.

Medir até que ponto o autor “é” sua obra é uma tarefa árdua e, talvez, inalcançável. O que queremos expor aqui é que há um grau de possibilidade considerável de que os acontecimentos narrados por Tácito sejam uma tentativa de o historiador romano transformar a morte de Sêneca em um ato heroico de um sábio estoico. Não estamos aqui a advogar esta ideia, apenas a trazemos como ilustração de uma possibilidade. Afinal, fato histórico é a condenação de Sêneca ao suicídio impetrada pelo imperador Nero.

---

<sup>29</sup> Tratam-se dos Imperadores Galba, Otão, Vitélio e Vespasiano.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As presentes considerações podem levar ao entendimento do interesse que têm despertado as reflexões estoicas de Sêneca sobre a formação de um homem ideal, o sábio, capaz de enfrentar as vulnerabilidades da condição humana e de responder às necessidades do seu tempo, dentre elas, a morte.

Ao analisarmos algumas das Cartas a Lucílio, observamos que o entendimento de Sêneca sobre a morte é de que o caminho contra toda a insegurança diante de algo inexorável é não temer. Nestas cartas reside a reflexão de como se preparar para a morte. De acordo com o pensamento senequiano, o homem sábio não era apenas aquele que

cultivava a arte de viver, mas aquele que se preparava para a arte de morrer. Partindo desse princípio do Estoicismo, Sêneca orientava o homem a percorrer na perspectiva estoica, a fim de que aproveitasse o tempo que lhe fora disponibilizado e que estivesse preparado para enfrentar essa suprema realidade, que igualava todos os indivíduos.

Na perspectiva estoica senequiana, o medo da morte era ilógico, porque o temor era próprio de coisas incertas, não das destinadas e inevitáveis, pois o homem era um ser mortal, cujo fim já estava predeterminado pela Natureza. A partir da premissa que a condição humana estaria sujeita à mortalidade, Sêneca avulta que o primeiro princípio seria a aceitação da morte. Essa aceitação era uma das bases da liberdade humana, que levaria à superação dos muitos temores que afligiam sua existência. Para ele, a morte estava relacionada a uma ideia de triunfo absoluto da alma sobre a materialidade humana.

Para este autor o Estoicismo poderia apoiar a racionalidade em suas buscas. Sêneca sempre compartilhou desta posição mostrando a seu pupilo como o Estoicismo abre uma perspectiva de vida baseada na razão. Destarte, o tema morte deixava de ser um interdito e poderia ser entendido de forma ampla e objetiva. Ao longo das cartas, Sêneca sempre orientava Lucílio a examinar e a meditar, exercendo sua independência. Ele considera que “um homem em busca da verdade, não é detentor dela, mas está em busca contínua e perseverante”<sup>30</sup>. Com isso, assegurava que a independência do pensar, praticado de maneira constante, era o caminho que o homem fundamentalmente deveria seguir.

Ressalta Sêneca que a morte não precisava ser apenas natural, visto ser legítima a sua indução por meio do suicídio, quando este se convertesse em um exercício de virtude libertadora. Todavia, o pensador corrobora o suicídio somente em circunstâncias onde a dignidade humana e a perda da razão estavam ameaçadas. O homem deveria escolher o que fazer com a própria vida e, conseqüentemente, com a própria morte. A resposta para o que fazer com a própria morte nos seria concedida pela prática permanente de pensar sobre ela, bem como de manter-se no estado de aceitação diante daquilo que não se poderia mudar.

O pensamento de Sêneca possuía um caráter terapêutico, pois pregava o uso da razão para educar as emoções. A função da educação seria amparar o homem a lidar com os assuntos existenciais e a romper com as questões intelectuais e culturais que não o levassem a uma vivência prática e transformadora. Convidava o homem a fugir das “fúteis agitações” do dia-a-dia e os educava a pensar no essencial. Ressaltava que nenhum homem chegaria a qualquer progresso moral sem praticar no momento presente as recomendações estoicas,

---

<sup>30</sup> *Ep.* XLV,4.

cujos modelos eram extraídos da própria Natureza. Seria um pensamento que exigia prática, pois era na vida prática que se buscava a sabedoria.

Deste modo, Sêneca expressava que a busca para a sabedoria se radicava no esforço do homem para se educar. A educação para a morte proposta por ele ensinava o homem a morrer dignamente, a aproveitar bem a vida que usufruía, a não temer diante dessa realidade. Ao ajudar o homem, apontando-lhe o caminho para viver autenticamente, indicava a passagem para a perfeição e uma vida feliz. A educação adaptada às características pessoais de cada um poderia desenvolver o potencial humano natural na busca da perfeição. Por fim, faz-se necessário ressaltar que a vontade, a liberdade, o ócio, juntamente com a persistência do indivíduo e seu esforço pessoal, eram fundamentais à formação e ao processo educativo do homem sábio. Tais requisitos possibilitariam, na visão senequiana, a capacidade de lidar com a morte e com as dores humanas de modo geral, intrínsecas à existência do homem.

“

## **Referências**

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 4 ed., São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ANDRÉS, G.H. **Las designaciones de la muerte voluntária em Roma**. HypnoΣ, São Paulo, a. 3, n. 4, 1998.
- ASTRANA MARÍN, Luis. **Vida genial y trágica de Sêneca**. Madrid: Editorial “Gran Capitán”, 1947
- BRUN, Jean. **O Estoicismo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1986.
- CAMPOS, J. A. Segurado. **Introdução**. In: **SÊNeca, Lúcio Aneu. Cartas a Lucílio**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.

- CIZEK, Eugen. **L'époque de Néron et ses controverses idéologiques**. Leiden: E. J Brill, 1972.
- FARIA, Ernesto. **Dicionário do latino-português**. Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2003.
- KER, James. **The deaths of Seneca**. New York: Oxford University Press, 2009.
- KOVÁCS, M. J. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.
- LEONI, G. D. Introdução. In: SÊNECA, Lúcio Aneu. **Obras e Notas: Consolação à minha mãe Hélvia; Da Tranquilidade da alma; Medéia Apokolokyntosis**. São Paulo: Atena Editora, 1957.
- LOHNER, José Eduardo. Introdução. In: SÊNECA. **Sobre a ira/ Sobre a tranquilidade da alma**. Trad., Introdução e Notas José Eduardo Lohner. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- MANJARRÉS, Julio Mangas. **Sêneca e el poder de la cultura**. Madrid: Editorial Debate, 2001.
- MOURA, Alessandro. **Diálogo interior nas Cartas a Lucílio, em Sêneca**. Disponível em: [https://www.academia.edu/12242671/Di%C3%A1logo\\_interior\\_nas\\_Cartas\\_a\\_Luc%C3%A1dio\\_de\\_S%C3%AAneca\\_%C3%81gora. Estudos\\_Cl%C3%A1ssicos\\_em\\_Debate\\_17](https://www.academia.edu/12242671/Di%C3%A1logo_interior_nas_Cartas_a_Luc%C3%A1dio_de_S%C3%AAneca_%C3%81gora. Estudos_Cl%C3%A1ssicos_em_Debate_17). Acesso em: 19 de julho de 2021.
- NASCENTES, Antenor. **Dicionário de sinônimos**. 4 ed, São Paulo: Lexicon, 2011.
- NIETZSCHE, Friedrich. Prólogo. In: **Genealogia da moral: uma polêmica**. Trad., notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- NOVAK, Maria da gloria. **Medeia de Sêneca**. Revista Letras Clássicas, Universidade de São Paulo, São Paulo, n 3, 1999.
- RAIJ, Cleonice Furtado de Mendonça Van. **As Consolações de Sêneca**. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas e Vernáculas) – USP, São Paulo, 1986.
- REALE, Giovanni. **Filosofias helenísticas e epicurismo**. vol. V. Trad. Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 1994
- SÊNECA, Lucio Anneo. **Cartas Morales a Lucilio**. Traducción directa del latín y unas notas prologales por Jaime Bofill Y Ferro. Barcelona, Espanha: Editorial Iberia, 1955.
- \_\_\_\_\_. **Sêneca: Cartas a Lucilio**. Traducción literal del latín por Vicente López Soto. 4. ed. Barcelona, Espanha: Editorial Juventud, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Sobre a Brevidade da Vida**. Trad., notas, Lúcia Sá Rebello. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2008.
- SHOTTER, David. **Nero**. Lisboa: Edições 70, 2008.
- SILVA, F. S. **Apocolocintose do Divino Cláudio**. Tradução, notas e comentários.

(Dissertação de mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo: FFLCH-USP, 2008

SUETÔNIO. **A Vida dos Doze Césares**. Editora Martin Claret. São Paulo. 2005

TÁCITO, Públio Cornélio. **Anais**. Prefácio de Breno Silveira. Tradução de J. L. Freire de Carvalho. São Paulo: Editora: W M Jackson, 1967.

ULLMANN, Reinholdo Aloysio. **O Estoicismo romano: Sêneca, Epicteto, Marco Aurélio**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

VEYNE, Paul. **Sêneca y el Estoicismo**. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1995.